

Uniceub–Centro Universitário de Brasília
FAJS–Faculdade de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais

CAMILA REINEHR TABET

**AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E RÚSSIA NO
PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA:**

UMA LEITURA EM QUATRO MOMENTOS

BRASÍLIA–DF
2008

CAMILA REINEHR TABET

**AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E RÚSSIA NO
PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA:**

UMA LEITURA EM QUATRO MOMENTOS

Monografia apresentada ao curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília–UniCEUB–como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Frederico Seixas Dias

Brasília–DF
2008

CAMILA REINEHR TABET

**AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E RÚSSIA NO
PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA:**

UMA LEITURA EM QUATRO MOMENTOS

Monografia apresentada ao curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília–UniCEUB–como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Frederico Seixas Dias

Brasília, 16 de junho de 2008.

Banca Examinadora

Prof. Frederico Seixas Dias
Orientador

Prof. Renata de Melo Rosa
Examinadora

Prof. Raquel Boing Marinucci
Examinadora

Aos meus pais e irmã, por serem sempre otimistas, acreditarem na minha capacidade de criar e que me seguravam antes que pudesse cair, sempre com muito amor e respeito;

Aos amigos do Clube de Leitura, que desde 2001 me apoiaram durante essa jornada, sempre realizando críticas construtivas e apresentando diferentes opiniões, que me fizeram uma pessoa mais tolerante;

Aos colegas NISBs, que me acompanharam durante os estudos e que compartilham comigo o ingênuo desejo de mudar o Brasil;

E ao meu orientador que, aparentemente, é a pessoa mais paciente do mundo.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao professor Frederico Seixas Dias que, desde 2006, passou a acreditar mais em mim do que eu mesma, sempre me forçando a estudar, a questionar e a escrever mais.

Agradeço ainda aos demais professores do UniCEUB, que me fizeram apaixonar pelas Relações Internacionais e que a cada aula transmitiam seus conhecimentos e valores morais.

Por fim, agradeço também aos colegas e professores do Núcleo de Estudos dos Estados Unidos (NEEUA) pelas maravilhosas discussões realizadas em sala, e por compartilharem comigo o mesmo encanto pelo tema.

RESUMO

Este trabalho propõe apresentar um estudo a respeito das relações diplomáticas entre Estados Unidos da América e Federação Russa. Logo na parte introdutória são apresentadas os problemas e as hipóteses que servirão como guia para a consolidação da pesquisa. Os problemas se consistem em determinar se existem momentos de aproximação e de distanciamento entre os dois países mencionados anteriormente e quais os fatores determinantes para esse comportamento. As hipóteses, que no último capítulo terão sua utilidade posta à prova, dizem que existem sim momentos de aproximação e distanciamento entre as nações e que três conceitos teóricos ajudam a determiná-la.

O estudo começa com uma discussão teórica e metodológica, apresentando sua importância para a análise e compreensão dos fatos. No capítulo um, é apresentado o método de pesquisa que foi utilizado e as categorias que dão embasamento teórico para a avaliação dos momentos históricos que serão apresentados no último capítulo.

A pesquisa inicia observando acontecimentos importantes que ocorreram em 1890, quando as duas nações chegaram a um impasse pela primeira vez em suas histórias. A análise do comportamento diplomático começa a ser estudada mais especificamente ao final da Segunda Guerra Mundial, marco importante para entender os acontecimentos iniciais do período seguinte, conhecido como Guerra Fria.

A fase da Guerra Fria é cuidadosamente pesquisada, já que se trata de um período em que essas duas nações, Estados Unidos e Rússia, estiveram durante anos em conflito. Todas as ações diplomáticas, ou ofensivas, que foram tomadas por qualquer um dos lados durante essa época foram importantes para moldar o mundo para o período pós-Guerra Fria, situado nos anos 1990.

O último capítulo desta monografia é o mais interessante, pois será onde as relações entre os dois Estados no período pós-Guerra Fria serão expostas e analisadas pelos conceitos teóricos. Será durante essa avaliação que os problemas e hipóteses que foram propostas serão úteis ou não, podendo então concluir como se deram as relações entre esses dois países.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	10
1.1. Questões Metodológicas.....	10
1.2. Questões Teóricas.....	12
1.2.1. Líder.....	12
1.2.1.1. <i>Objetivos</i>	12
1.2.1.2. <i>Meios</i>	13
1.2.1.3. <i>Riscos</i>	14
1.2.2. Equilíbrio de Poder.....	15
1.2.2.1. <i>Sobre a Teoria Realista</i>	15
1.2.2.2. <i>O Equilíbrio de Poder</i>	17
1.2.3. Imagens.....	19
2. HISTÓRICO DA GUERRA FRIA.....	21
3. OS QUATRO MOMENTOS.....	43
3.1. A Guerra do Golfo.....	45
3.1.1. <i>Análise do Momento</i>	47
3.2. A Expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).....	49
3.2.1. <i>Análise do momento</i>	51
3.3. A Guerra do Iraque.....	53
3.3.1. <i>Análise do Momento</i>	57
3.4. Escudo de Mísseis.....	59
3.4.1. <i>Análise do Momento</i>	62
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

Este trabalho tem a finalidade de apresentar uma análise a respeito das relações diplomáticas entre os Estados Unidos da América (EUA) e a Federação Russa, durante o período seguinte ao término da Guerra Fria.

Essas duas nações, diferente do que popularmente se acredita, mantiveram um relacionamento livre de conflitos durante a maior parte de suas histórias, coexistindo pacificamente até a invasão russa à Manchúria, no final do século XIX, onde os interesses expansionistas e comerciais dos dois países se chocaram pela primeira vez.¹

Mesmo tendo as relações entre russos e estadunidenses abaladas nos anos 1890, e por mais que o entendimento entre Joseph Stalin, Theodore Roosevelt e Winston Churchill fora conflitante devido a diferentes interpretações a respeito do poderio nazista em 1942,² foi a Guerra Fria o momento reconhecido mundialmente como ápice das tensões entre Rússia e Estados Unidos. Os dois países, em meados dos anos 1940, iniciaram um conflito de origens ideológicas³, que ditou as regras pelas quais a comunidade internacional viveria pelos anos seguintes.

Nesse período (da guerra) que dividiu o mundo em dois grandes polos, o jogo de influências praticado pelos dois Estados era claro e bem entendido pela comunidade internacional. Foi entre 1947 e 1989, quando os países da Europa superaram suas crises resultantes da Segunda Guerra Mundial, que certos países da África conquistaram suas independências, e que o chamado “terceiro mundo” passou a conquistar espaço (mesmo que limitado) no cenário internacional. Todos esses processos foram influenciados, direta ou indiretamente, por um dos dois polos, influência traduzida como uma forma de ampliação do número de aliados.

Hoje, após o término da Guerra Fria, as relações internacionais entre Estados Unidos e Rússia passam por um período de incerteza. Com a queda do Muro de Berlim e a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os dois países construíram um curioso relacionamento repleto de concordâncias e discordâncias a respeito de suas políticas internacionais. Esses comportamentos são acompanhados de perto pelos outros Estados, pois seus efeitos são de interesse de todos os demais membros da sociedade internacional.

¹ LAFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War 1945-2006**. 10ª edição. New York: Mcgraw-hill, 2006. p.01

² Idem, p.09

³ PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança**. 2. ed. Porto Alegre: Editoria da Ufrgs, 2005. p.139

Para consolidar tal análise, tendo em vista a abrangência do tema em questão, o trabalho terá como eixo central duas perguntas que serão respondidas por meio de diferentes abordagens teóricas.

O primeiro problema de pesquisa é verificar em que medida é possível classificar dois momentos distintos no período pós-Guerra Fria, entendidos como momentos de aproximação e momentos de distanciamento entre os Estados em questão. Esse questionamento leva imediatamente ao segundo problema que consiste em explorar os fatores determinantes para tais tendências. Em outras palavras, ao final deste trabalho tentar-se-á verificar: será possível classificar dois momentos, um de padrão mais cooperativo e outro, mais conflitivo, entre esses dois países? O que foi determinante para a aproximação ou distanciamento de suas relações?

O objetivo desse estudo é compreender como as relações entre EUA e Rússia evoluíram ao patamar onde se encontram hoje e qual foi sua importância para a atualidade. Para isso, episódios importantes pertencentes à história dos dois países serão abordados, passando pelos acontecimentos da Guerra Fria (que foi o conflito responsável em moldar o perfil do mundo dos anos 1990 em diante) até 2008, sempre analisando os fatos por base nos conceitos teóricos.

Para poder responder às perguntas explanadas anteriormente será utilizado o método de Estudo de Caso. O estudo de caso, segundo Robert Yin “permite uma investigação para se preservar das características holísticas e significativas da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores”.⁴ Nesta monografia foram utilizados quatro casos distintos para a realização do estudo, o que classifica a estratégia como Estudo de Casos Múltiplos.⁵ A estratégia de casos múltiplos leva o pesquisador a ter consciência da ampla variedade de teorias que podem vir a ser importantes ao seu estudo, e cuja utilização reflete-se na facilidade para coletar dados adequados para solução dos problemas de pesquisa, e na generalização dos resultados do estudo.⁶

Como esta monografia trata de um Estudo de Casos Múltiplos, foram utilizadas mais de uma teoria para responder os problemas de pesquisa, fato que resultou em uma abordagem eclética e, espera-se, consistente. Essa abordagem será explicada e melhor desenvolvida durante o primeiro capítulo deste trabalho, que conterá as quatro diferentes teorias utilizadas e sua relevância para a pesquisa.

⁴ YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2003. p.21

⁵ Idem, p.33

⁶ Idem, p.54

Os capítulos seguintes não são inteiramente dedicados a conceitos teóricos e sim a fatos históricos e dados que merecem ser analisados por meio desses conceitos. O segundo capítulo realiza um breve histórico do período conhecido como Guerra Fria e identifica os primeiros momentos de aproximação e distanciamento entre Estados Unidos e Rússia que ocorreram até 1991. Já o terceiro capítulo abordará as relações entre os dois Estados a partir dos anos 1990, onde serão analisados os temas escolhidos para a análise de estudos de caso. Neste capítulo foram escolhidos quatro momentos de importante valor histórico, onde será possível verificar diferentes reações diplomáticas para as ações do outro.

Na etapa final desta monografia, depois dos importantes fatores históricos serem expostos e ter-se estudado os quatro momentos que ilustram o comportamento diplomático entre os dois países, o debate a respeito dos problemas de pesquisa será retomado, tomando por base tudo o que foi debatido até então – histórico de relacionamento entre as duas nações, os momentos de aproximação e distanciamento e, principalmente, os diferentes conceitos teóricos.

O uso de diversas teorias proporcionou maior liberdade para a elaboração de hipóteses que podem vir a esclarecer os problemas de pesquisa. A primeira delas diz que é possível sim observar momentos de aproximação e distanciamento entre Rússia e Estados Unidos pós-Guerra Fria. A segunda hipótese diz que é possível observar as determinantes para a oscilação das relações em quatro elementos teóricos, e eles são: líderes, equilíbrio de poder e identidades. Esses elementos são cuidadosamente ilustrados no próximo capítulo.

Inicialmente, seria utilizado na pesquisa ainda um quarto conceito teórico. A ideia de Forças Sociais, que foi muito bem estudada pelo teórico Robert Cox, provou não ser útil para essa pesquisa, sendo, então, abandonada devido a limitações temporais e falta de evidências disponíveis sobre o assunto. Forças sociais é um conceito importante para as Relações Internacionais, podendo ser observadas na realidade, mas não foi possível encontrá-las devido ao curto espaço de tempo para a consolidação dessa monografia.

Ao confirmar (ou não) a utilidade das hipóteses expostas no parágrafo anterior, espera-se que esse trabalho de pesquisa colabore para a comunidade acadêmica, principalmente porque a bibliografia brasileira sobre esse assunto ainda é pouco desenvolvida, e para a própria sociedade, pois os efeitos das relações entre essas duas nações refletem-se no modo de vida das pessoas, até hoje.

CAPÍTULO 1

Questões Conceituais e Metodológicas

Este capítulo tem como função esclarecer qual é a metodologia utilizada para realizar a pesquisa e quais as ferramentas teóricas que são utilizadas para a avaliação. Em outras palavras, esta parte da monografia dedica-se em descrever o que é o método de estudo de caso e quais teorias são utilizadas para analisar fatos históricos que determinam a utilidade das hipóteses explanadas anteriormente.

A primeira seção é dedicada exclusivamente às questões metodológicas, onde são explicadas as razões da escolha pelo método do estudo de caso, o que é esse método e quais foram os momentos históricos estudados, destacando a importância dos mesmos para pesquisa.

Na segunda seção é respeito dos conceitos teóricos que foram utilizados na pesquisa, o que motivou a escolha específica destes, e porque eles são relevantes à monografia.

A metodologia e os conceitos teóricos possuem papel fundamental para a consolidação da pesquisas acadêmicas, pois impedem que o pesquisador se perca em meio a dados quantitativos e debates teóricos. O método mantém o estudo focado na análise dos fatos e nos problemas, enquanto os marcos teóricos dão coerência lógica na avaliação dos eventos.

1.1 Questões Metodológicas.

Por mais que apresente certas fragilidades e seja classificado apenas como um método “exploratório” por acadêmicos das ciências naturais e sociais, o estudo de caso continua sendo utilizado como método de pesquisa nas ciências sociais, tanto nas disciplinas mais tradicionais, como a psicologia e a economia, quanto naquelas voltadas mais para a prática, como administração e políticas públicas.⁷

Os diferentes métodos utilizados por pesquisadores refletem o perfil da pesquisa e possuem sua própria lógica.⁸ Além de servirem como guia para coleta e análise de dados, o método impede que o sujeito que realiza essa análise se desvie de seus objetivos, mantendo o pesquisador focado nos problemas impostos, considerando todos os fatores que podem ser importantes sem perder objetividade, impedindo que ele fuja do assunto com o decorrer de seus estudos. Afinal, o objetivo das pesquisas é responder às perguntas propostas pelo investigador, independente da estratégia adotada por ele.

O estudo de caso é comumente usado em pesquisas cujo objetivo é responder a perguntas relativas à “como” e “por que” algum evento ou fenômeno inserido na vida real, aconteceu. Esses eventos fogem do controle do pesquisador, ou seja, os fenômenos sob observação não podem ser

⁷ Yin, op. cit., prefácio

⁸ Idem, p.21

claramente separados de seus contextos.⁹ Esta monografia, como já explicado anteriormente, realizará um estudo a respeito de como se deram as relações entre Estados Unidos e Rússia e por que elas ocorreram de tal forma. Para responder tais questionamentos, onde é necessário avaliar o comportamento dos Estados enfatizando os períodos históricos relevantes à análise, o método mais adequado para a pesquisa é o do estudo de caso.

Este método é criticado até mesmo por acadêmicos pertencentes às ciências sociais e enfrenta certo preconceito por parte de pesquisadores quando escolhido como estratégia de pesquisa.¹⁰ Uma de suas principais críticas diz respeito à generalização. Um dos principais erros da comunidade acadêmica é acreditar que generalizações são feitas a partir do resultado de um único estudo de caso. É um erro comum que não será cometido nesta monografia, pois aqui se almeja uma generalização analítica e não uma generalização estatística.¹¹

A generalização analítica, ao contrário da generalização estatística, que retrata somente de dados quantitativos, depende inteiramente da teoria utilizada na pesquisa. Ela ocorre quando os resultados empíricos do estudo de caso são comparados a uma teoria que foi tomada como modelo para avaliar a realidade. Se todas as resultantes dos estudos de caso forem comparadas a essa mesma teoria, mais perto da generalização está o investigador.¹² Como esta monografia tem como estratégia o método de estudo de casos múltiplos, os quatro diferentes momentos serão comparados ao mesmo conceito teórico, e não somente um isolado. E como serão utilizados três marcos teóricos, o que aumenta o rigor de avaliação dos casos, cada resultante empírica dos estudos de caso será comparada às mesmas teorias, fator que torna a generalização completamente o oposto de vaga e ainda mais crível.

Então, o método de pesquisa utilizado nesta monografia é o Estudo de Casos Múltiplos Holístico. Em outras palavras, é um estudo que utiliza mais de um caso possível de se observar na realidade, tendo por base uma unidade de análise (o comportamento do Estado), que será comparada aos três conceitos.

1.2 Questões Conceituais.

Três diferentes conceitos ligados a três autores foram selecionados para serem utilizados nesta monografia como referenciais teóricos. Conceitos como líder, equilíbrio de poder e imagens possuem total relevância para a análise dos momentos estudados. Cada um dos autores selecionados realizou uma bela contribuição para o estudo das Relações Internacionais e a utilização de suas ideias será justificada na avaliação do relacionamento diplomático entre os dois Estados.

⁹ Yin, op. cit., p.27

¹⁰ Idem, p.28

¹¹ Idem, p.53

¹² Idem, p.54

1.2.1 Líder

Nascido em 1917 e pertencente à chamada Escola Francesa de Relações Internacionais, Jean-Baptist Duroselle prestou colaboração à academia desde 1954 quando publicou sua primeira obra sobre política internacional – que, coincidentemente, é dedicada ao estudo da URSS intitulada *Les Frontières européennes de l'URSS, 1917-1941* e sua segunda obra, *De Wilson à Roosevelt. Politique extérieure des États-Unis, 1913-1945*, é dedicada aos Estados Unidos da América – a 1994, ano de sua morte.

Identificado como teórico estatocêntrico, Duroselle publicou em 1981 o livro *Todo Império Perecerá*, que dedica considerável espaço às estratégias de ação que podem ser tomadas pelo líder para trazerem maiores benefícios a seu país.¹³ Chamado também de homem de Estado, os líderes possuem a responsabilidade de calcular a melhor estratégia para conduzir seu país considerando três variáveis muito importantes: objetivos, meios e riscos.

1.2.1.1 Objetivos

Todos os indivíduos possuem objetivos, sejam eles financeiros, acadêmicos, de cunho pessoal. Os objetivos de todas as comunidades são basicamente os mesmos: sobrevivência, busca da potência, riqueza e prestígio.¹⁴ Como o líder está à frente da comunidade e possui poder em suas mãos, sendo este mais ou menos durável ou limitado por resistências,¹⁵ acaba por possuir uma grande liberdade na escolha de seus objetivos, permitindo até que opiniões pessoais interfiram nesse processo. De acordo com Duroselle:

Sua ideologia, sua ambição e seu temperamento desempenham nessa escolha um papel muito importante. Sua própria posição de líder faz com que dê a seus objetivos o nome de “interesse nacional”. Em todo caso, diremos que o poder do qual ele é investido obriga-o a considerar ou a pensar em considerar que seus objetivos coincidam com o interesse nacional.

Evidentemente a história está cheia de situações em que o líder não procura, de maneira alguma, o interesse nacional, mas o seu próprio ou o de seus partidários. O tirano declara abertamente essa escolha. Em geral, é mais sutil, mais mascarado. A maior parte do tempo protege-se com belas palavras.¹⁶

Assim sendo, o critério para a escolha dos objetivos da comunidade pelo líder pode ser influenciado tanto pelo interesse “nacional” (o interesse próprio disfarçado de interesse da nação) quanto pelo interesse nacional (aquele que mais se aproxima do interesse da maioria). Os homens de Estado são tão suscetíveis ao egoísmo quanto os homens comuns. A sensação de deixar

¹³ DUROSSELE, Jean-Baptist. **Todo Império Parecerá**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2000, p.95

¹⁴ Idem, p.132

¹⁵ Idem, p.88

¹⁶ DUROSSELE, op. cit., p.133-134

sua marca na história, de ver seu nome divulgado pela imprensa por todo o mundo, motiva muitas ações.¹⁷ E são essas ações que, guiadas pelo interesse nacional, podem chocar-se com o interesse nacional de outros Estados. Existe, para essa situação, a saída com a resolução diplomática e a saída da imposição de um interesse sobre outro. No primeiro caso se busca um consenso, uma resolução pacífica. No segundo caso, o resultado pode ser observado analisando a expansão do Islã, as Cruzadas, as guerras de religião e os demais movimentos totalitários.¹⁸

1.2.1.2 Meios

Para entender corretamente os argumentos de Duroselle em relação aos meios utilizados pelo homem de Estado, é necessário antes definir os chamados “grupos reais”.¹⁹ Esse tipo de grupo é aquele cujos membros são escolhidos conforme a preferência de seus integrantes. Diferente do grupo natural (família formada por filhos pequenos totalmente dependentes de seus pais), os grupos reais são formados por pessoas que possuem algum tipo de afinidade como, por exemplo, um grupo de jovens que moram no mesmo bairro, “turma” que se reúne para uma partida de cartas todo domingo, colegas que trabalham em uma mesma sala no escritório, pessoas que frequentam academia no mesmo horário ou até mesmo facções dentro de um partido político. Essa ideia pode ser aplicada tanto no âmbito da política doméstica (grupos reais formados entre os membros de um gabinete ministerial ou até entre ministros), quanto no âmbito da política internacional (embaixadores com membros do governo local, chefes de Estados que compartilham das mesmas opiniões, etc).

Tendo esclarecido o significado de grupos reais, resta dizer que os meios nada mais são que instrumentos necessários para o sucesso de um objetivo. O meio da persuasão possui fundamental importância nas relações internacionais. Ela depende da confiança, da amizade existente entre duas pessoas. Com o diálogo e a diplomacia cada vez mais presentes no relacionamento entre os países, tornou-se fácil criar pequenos grupos reais entre homens de Estado ou entre “equipes decisórias” de diferentes nações, já que tais indivíduos estão em contato frequente (encontros de cúpula, etc.).²⁰ Pode-se dizer que a persuasão não é possível sem confiança e que ela, por si só, é capaz de influenciar o comportamento de um líder, de um Estado.

Outro meio utilizado por homens de Estado é demasiado simples e direto: a negociação. Se um Estado quer algo específico de outro, este propõe uma troca que, depois de realizada, faça com que os dois saiam satisfeitos com a transação.²¹

¹⁷ Idem, p.140

¹⁸ Idem, p.141

¹⁹ Idem, p. 83

²⁰ DUROSSELE, op. cit., p.145

²¹ Idem, p.146

A ameaça é um meio que quebra a corrente pacífica que fazia parte dos meios anteriores. Em vez de confiança, aqui o fator chave é a força. Não existe violência nesse meio e sim a ameaça econômica (criação de barreiras, sanções) ou psicológica (apelo a opinião mundial, voto de resolução na ONU) feita pelo Estado forte.²² A ameaça funciona quando o Estado fraco acredita que o Estado forte é capaz de usar todos os artifícios à sua disposição para conquistar seu objetivo, incluindo aqui o poderio bélico. Se o Estado forte é economicamente estável, consegue chamar a atenção da comunidade internacional ou desfruta de respeitosa força militar, e se o Estado fraco está convicto de que seu ameaçador é capaz de utilizar toda a sua força, ele está, então, muito próximo de conquistar seus objetivos.

O último meio é o uso da violência. A violência é utilizada quando o líder quer, a qualquer custo, moderar as vontades do adversário, não medindo esforços para isso. Por mais que o conflito demande forças militares, tempo e estratégia, o Estado forte utiliza a violência porque tem a certeza que é superior ao Estado atacado, que em algum momento vai encontrar a derrota, principalmente se a comunidade internacional não interferir no conflito.²³ Praticamente não existem limites para esse meio de conquista de objetivos.

1.2.1.3 Riscos

Duroselle acredita que correr riscos é um ato totalmente conduzido pela vontade e que o ser humano é apto a desenvolver um sentimento de paixão a essa sensação excitante. O problema, segundo o autor, é quando outros estão incluídos nas consequências do risco e não somente aquele que foi guiado pela vontade.²⁴ O problema do líder se encontra justamente aqui: como saber se a situação que se apresenta é importante o suficiente para colocar milhões de pessoas em um período de incertezas, com possibilidades de perigo?

Por mais que o risco, historicamente, tenha se mostrado sempre de forma incrivelmente complicada, cabe ao líder avaliar como a nação será afetada caso suas consequências sejam desastrosas. Podem ser classificados como risco menor e risco maior.²⁵ Risco menor é quando o que está em jogo é dinheiro, estima, número razoável de perdas humanas e até mesmo o poder do líder, enquanto o risco maior coloca em jogo a independência ou integridade territorial de seu país, em caso de derrota.

Tendo avaliado detalhadamente as três variáveis que determinam o perfil do líder, homem importante que dispõe de poder, é possível observar como a determinação de objetivos, meios e

²² Ibidem.

²³ Ibidem, p.149

²⁴ Ibidem, p.153

²⁵ DUROSSELE, op. cit., p.156

riscos refletem no comportamento dos Estados.²⁶ Se um presidente qualquer se lança em direção a seu objetivo sem antes ter pensado nos riscos de suas ações e nos melhores meios para conquistá-los, seria ele um líder “precipitado”? E se esse mesmo presidente percebesse que talvez os riscos fossem altos demais e passasse a restringir a amplitude de seus objetivos, tornar-se-ia “cauteloso”? Para o homem comum, qualquer estratégia é válida a partir do momento em que se assume a responsabilidade por seus atos, independente de seus resultados. Já para o homem de Estado, que é responsável pelas vidas de inúmeros outros homens, as consequências são maiores.

1.2.2 Equilíbrio de Poder

Para compreender melhor as estratégias realizadas pelos EUA e pela URSS, foi utilizada a ideia de Equilíbrio de Poder segundo Hans Morgenthau. O autor conquistou espaço na Academia no final dos anos 1940, quando lançou sua obra-prima intitulada *Política Entre as Nações, A Luta Pelo Poder e Pela Paz*, onde escreve com veemência sobre a teoria realista.

Antes de entrar na discussão a respeito desse conceito, é importante ilustrar algumas ideias da corrente realista, suas principais premissas e visão de mundo.

1.2.2.1 Sobre a Teoria Realista

Um dos pontos mais importantes a respeito dos realistas é a racionalidade. Para eles, o mundo é imperfeito do ponto de vista racional, pois existem interesses contrários que vivem em conflito contínuo. O objetivo central dessa escola é, então, saber lidar e trabalhar com essas forças contrárias, e não alterá-las ou ir contra elas.

Para lidar com esse mundo imperfeito, os realistas acreditam que a sociedade em geral é guiada por leis que possuem raízes na natureza humana.²⁷ E por acreditarem nessas leis, também acreditam que é possível criar uma teoria racional que possa refletir sobre elas (que pode diferenciar, por exemplo, verdade de opinião pessoal).

A teoria realista consiste, então, em verificar os fatos e dar a eles um sentido guiado pela razão, e não pela emoção. É que a política (no caso desse trabalho, a política externa) é determinada pela natureza humana, torna-se fácil entender as relações internacionais, pois o que se deve fazer é avaliar os fatos de uma forma racional para entender suas consequências e as reais intenções daqueles que realizaram as ações.²⁸ Esse confronto dos fatos com suas consequências, em um ponto de vista racional, acabam por eliminar a existência de diferentes interpretações.

²⁶ Idem, p.132

²⁷ MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações: a Luta Pelo Poder e Pela Paz**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2003. p.04

²⁸ MORGENTHAU, op. cit., p.06

Como os realistas vêem o mundo de forma racional, têm plena convicção de que ele é imperfeito e cheio de interesses contrários. O interesse definido em termos de poder é uma constante na política internacional. Esse conceito introduz uma ordem racional no campo da política, tornando possível um entendimento teórico a seu respeito.²⁹ Dessa forma, “os elementos eventuais de personalidade, preconceitos e preferências subjetivas, aliados a todas as fraquezas do intelecto e da vontade a que a carne está sujeita, tendem a desviar a execução das políticas externas de seu curso racional.”³⁰ Ou seja, misturar opiniões pessoais com política externa acontece quando se abandona a racionalidade, mas é errado (mais uma vez, é errado para aqueles que acreditam nessa teoria).

É importante saber também como os realistas entendem o poder. Uma variável importante para entender esse conceito, assim como para entender a própria ação política, é o contexto histórico. O poder é determinado, assim como a própria ação do Estado, pelo ambiente político e cultural. Nas palavras do próprio Morgenthau:

O poder engloba todos os relacionamentos sociais que se prestam a tal fim, desde a violência física até os mais sutis laços psicológicos mediante os quais a mente de um ser controla uma outra. O poder cobre o domínio do homem pelo homem não só quando se apresenta disciplinado por desígnios morais e controlado por salvaguardas constitucionais, (...) como quando ele se converte nessa força bárbara e indomável que só consegue encontrar leis em sua própria força e justificação em seu próprio desejo de engrandecimento.³¹

Assim, o Realismo não acredita que princípios morais universais podem ser aplicados às ações do Estado de forma universal, mas que o momento histórico deve filtrar esses princípios.

Um fato curioso a respeito do poder, por mais que sua aspiração seja o elemento distintivo da política internacional, mostra que o mesmo é frequentemente negado em pronunciamentos acadêmicos.³² Durante um discurso, geralmente o poder é disfarçado por belas palavras e objetivos ideológicos, como se a política fosse uma ferramenta para a conquista de um bem maior—quando na verdade, o objetivo de Estado é o acúmulo de poder. Esse acúmulo é almejado pelas nações porque é reconhecido pela política internacional como o valor supremo. Possui esse valor devido às decisões políticas internacionais, já que elas são tomadas por base na distribuição do poder dentre os membros da comunidade internacional.³³

²⁹ Idem, p.07

³⁰ Idem, p.10

³¹ Idem, p.18

³² MORGENTHAU, op. cit., p.60

³³ Idem, p.82

A política internacional consiste em uma luta pelo poder que acaba por se tornar o objetivo imediato das relações internacionais.³⁴ E quando esse objetivo faz as nações agirem de modo irracional com a possibilidade de declaração de guerra total, é que a ameaça de guerra nuclear passa a existir (como foi no caso da URSS e dos EUA durante a Guerra Fria).³⁵ Quando o objetivo é alcançado de forma racional, se alcança o equilíbrio.

1.2.2.2 O Equilíbrio de Poder

Como foi dito anteriormente, os agentes internacionais tendem a acumular cada vez mais poder como forma de assegurar sua segurança. Mas já que o cenário internacional é composto por vários atores que possuem esse mesmo objetivo, como se dão as relações internacionais já que os Estados estão sempre procurando estar mais seguros que os outros?

A aspiração de poder por parte das várias nações, em que cada uma tenta manter ou alterar o *status quo*, leva o mundo a uma situação chamada equilíbrio de poder.³⁶ Esse equilíbrio de poder e suas políticas traçadas para preservá-lo, são inevitáveis para estabilizar uma sociedade de nações soberanas, que, lembrando mais uma vez, possuem suas raízes na natureza humana, ou seja, são racionais e egoístas.

Em um universo em que existam várias forças autônomas, que por algum motivo foram abaladas (talvez por uma força externa), o equilíbrio de poder tende a restabelecer o equilíbrio original ou um novo equilíbrio desse universo, estabilizando o sistema de forças e preservando todos os elementos do sistema.³⁷ Nas palavras de Morgenthau:

Existem dois pressupostos na base de todas essas formas de equilíbrio: primeiro: que os elementos a serem equilibrados são necessários à sociedade ou tem direito a existir; e segundo: que, sem um estado de equilíbrio entre eles, um dos elementos ganhará ascendência sobre os demais, desrespeitará seus interesses e direitos e poderá finalmente destruí-los. Em consequência, o propósito de todas essas formas de equilíbrio será o de manter a estabilidade do sistema, sem destruir a multiplicidade dos elementos que o compõem.³⁸

Em outras palavras, o propósito do equilíbrio não é só manter a estabilidade sem destruir elementos que compõem o universo, mas também em evitar que um desses elementos conquiste a supremacia sobre os demais, podendo levá-los a destruição.

³⁴ Idem, p.51

³⁵ Idem, p.53

³⁶ Idem, p.321

³⁷ MORGENTHAU, op. cit., p.322

³⁸ Idem, p.324

Segundo Morgenthau, existem dois principais padrões da manifestação de equilíbrio de poder no cenário internacional, conhecidos como padrão da oposição direta e padrão da competição.³⁹

O padrão da oposição direta corresponde à dominação de um Estado por outro. Digamos que em determinado momento, um dos países iniciou uma política imperialista em relação à outra nação. Nesse caso, o equilíbrio de poder resulta diretamente do desejo, por parte da nação que iniciou a política imperialista, em ver suas políticas suplantarem as políticas do outro.⁴⁰ A nação que está sujeita à dominação tem duas opções: ou aceita a política imperialista, ou cria uma política imperialista própria. No segundo caso, se a nação vítima criar uma política imperialista própria, o Estado imperialista terá que aumentar seu poder no intuito de resistir às políticas imperialistas e continuar com a sua, com alguma chance de êxito.⁴¹ Esse equilíbrio é mantido até que uma das duas nações ganhe uma boa vantagem sobre a outra, ou que seja desencadeada uma guerra, que decidirá sobre o caso.

No segundo padrão, o da competição, segue essa mesma lógica do padrão anterior, mas conta com a presença de outros Estados que acabam por serem envolvidos em suas políticas. Digamos que, como nenhum dos dois países cedeu à iniciativa do outro, suas atenções se voltam a uma terceira nação, que pode tanto resistir como aceitar a dominação. Essa terceira nação torna-se objeto de competição das nações imperialistas, onde o país mais poderoso é aquele que conseguir dominar o terceiro país. Dessa forma, o padrão de luta pelo poder entre as duas primeiras nações consiste em quem consegue dominar o terceiro antes da outra.

O equilíbrio é aqui expressado quando uma das nações fortes consegue garantir a independência da nação mais fraca, impedindo sua dominação por um país imperialista. Se o poder da nação imperialista conseguir superar o poder da nação forte protetora, a independência do país fraco estará comprometida. Mas, se a nação forte protetora conseguir vantagem, a independência da nação fraca estará mais segura. Se, com o passar do tempo e com o decorrer das relações, a nação imperialista desistir de suas políticas devido às pressões da nação protetora e voltar-se para um quarto país, a independência da nação fraca estaria assegurada para sempre.⁴²

Esse padrão cria estabilidade (por mais sensível que seja) quando, entre três nações (A, B e C, sendo esta última a nação mais fraca), o poder de A para dominar C é compensado por B, ao mesmo tempo em que B também tenta dominar C, mas tem sua política equilibrada pelo poder de A.

³⁹ Idem, p.330

⁴⁰ Idem, p.331

⁴¹ Idem, p.332

⁴² MORGENTHAU, op. cit., p.335

1.2.3 Imagem

O terceiro conceito teórico utilizado possui raízes bem diferentes dos anteriores. Jean Baptist Duroselle e Hans Morgenthau são teóricos pertencentes à corrente estatocêntrica e por isso possuem basicamente a mesma visão a respeito da realidade. O próximo marco muda completamente essa visão e adiciona um diferente ponto de vista à análise dos fatos, deixando esta monografia eclética e com diferentes perspectivas.

Imagem começou a ser discutida na disciplina de Relações Internacionais no final dos anos 1980, com o surgimento de novas teorias que se diferenciavam completamente da teoria realista. Os acadêmicos que adotam conceitos como os de imagens, geralmente pertencentes à Teoria Crítica ou ao Construtivismo, possuem uma ideia a respeito do mundo completamente diferente dos dois autores que foram estudados anteriormente. Para os novos pensamentos, a realidade é uma construção social, condição que é bem sintetizada por Vasquez:

If what exists is at one and the same time arbitrary and the product of human choice (at some level), it follows that what exists must have been socially constructed by people. Reality is created and constructed by beliefs and behaviour. Structures [...] are the product of human action. Reality is not God – or Nature – given, but human-imposed.⁴³

Em outras palavras, a realidade, assim como as escolhas e o comportamento dos atores, é construída pela sociedade e seus valores, personalidades e julgamentos (os mesmos fatores que o Realismo considera irracionais). Já que a realidade é construída pelo homem e seus defeitos, a própria ciência também não pode ser completamente livre de valores, e as escolhas não podem ser entendidas como “a única escolha” que pode ser feita.

Uma outra diferença fundamental entre as teorias crítica e construtivismo para a teoria realista diz respeito à identidade. Quando um significado é atribuído a uma pessoa, coisa ou ação, ela passa a possuir uma imagem por onde os outros a identificam. Para ficar mais claro, segue um trecho escrito por Alexander Wendt:

Sometimes situations are unprecedented in our experience, and in these cases we have to construct their meaning, and thus our interests, by analogy or invent them de novo. More often they have routine qualities in which we assign meanings on the basis of institutionally defined roles. (...) the absence or failure of roles makes defining situations and interests more difficult, and identity confusion may result.⁴⁴

⁴³ VASQUEZ, John. The post-positivist debate. In: BOOTH, Ken & SMITH, Steve (Orgs.). **International Relations Theory Today**. Pennsylvania: The Penn State University, 1995. p.221

⁴⁴ WENDT, Alexander. Anarchy is What States Make of it: The Social Construction of Power Politics. **International Organization**. Cambridge, v.46, n.2, 1992. p.399

Logo, os agentes das relações internacionais agem com base nos significados que eles dão aos objetos e os significados que os outros agentes dão uns para os outros.⁴⁵ Como a identidade é definida culturalmente, e ambos estão em constante mudança, ela pode se adaptar às necessidades que o momento demanda, fator que proporciona ainda mais valor ao momento histórico pelo qual passa a sociedade.⁴⁶

Resumidamente, imagem é a ideia que os outros fazem a respeito de objetos e agentes que os rodeiam. Essa ideia é construída pela comunidade, é uma interpretação cultural de algo. Essa interpretação surge da interação entre a sociedade com o que está a sua volta: Estados, diferentes grupos sociais, comunidade acadêmica, etc. Essa interpretação às vezes é alterada devido ao momento histórico pelo qual a sociedade está passando, gerando diferentes interpretações e comportamentos que são refletidos nas relações internacionais.

CAPÍTULO 2

Histórico da Guerra Fria

Ao mencionar as relações diplomáticas entre Estados Unidos (EUA) e Rússia no século XX, a Guerra Fria imediatamente torna-se pauta de discussão. Todos os membros da geração que presenciou tal conflito, assim como os que pertencem à geração seguinte, entendem o quanto importante esse período foi para que o mundo fosse moldado à forma que possui hoje. Da mesma forma que os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial causaram influência direta para o desencadeamento da Guerra Fria, esta teve total ligação com o comportamento diplomático entre os dois países no pós-guerra, período que será estudado no próximo capítulo.

Este segundo capítulo é dedicado inteiramente aos acontecimentos ocorridos desde o primeiro relacionamento de embate entre eles, passando pela Segunda Guerra Mundial, com a rendição da Alemanha e Japão diante das forças Aliadas, até a queda do Muro de Berlim e da assinatura do decreto que encerrava oficialmente a existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) por Gorbatchev, em 25 de dezembro de 1991.

⁴⁵ GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2005. p.295

⁴⁶ NOGUEIRA, João Pontes e MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p.168

Como dito anteriormente, EUA e Rússia se confrontaram pela primeira vez nos anos 1890 quando os russos invadiram a Manchúria com o objetivo de fechá-la comercialmente para o resto do mundo. Os Estados Unidos, apoiando os japoneses, queriam uma Manchúria aberta e, ao mesmo tempo, deter o expansionismo russo que já era compreendido como uma possível ameaça. Esse sentimento ameaçador não mudou com o passar dos anos e, em 1917, tornou-se ainda pior com o movimento Bolchevique liderado por Vladimir Lênin que tinha como objetivo “*overthrow the Russian government and establish a Soviet Union. The ever-expanding tsarist empire now possessed an ideological force, Marxism, that was supposedly driven by historical law and dedicated to world revolution*”.⁴⁷ Essa força ideológica sempre foi interpretada pelos governantes estadunidenses como uma forma tirana de dominação. Em 1922, indo contra todos os desejos norte-americanos, a já consolidada União Soviética assinou um tratado de cooperação com a recém derrotada Alemanha, fazendo com que toda a comunidade internacional percebesse que os “*Soviets were apparently here to stay*”.⁴⁸

Um dos principais fatores que colaborou com o início da Guerra Fria é comum aos dois países: ambos nasceram de revoluções, ambos abraçaram ideologias com aspirações globais e ambos avançaram por extensas fronteiras.⁴⁹ Com diferenças ideológicas afastando cada vez mais os dois países e entendendo a imagem do outro como uma grande ameaça para suas ambições, seu relacionamento durante a Segunda Guerra Mundial foi conturbado. Agora sob o poder de Joseph Stalin, ambos simultaneamente comemoraram a vitória dos Aliados sobre os países do Eixo e entraram em controvérsias a respeito de demarcações territoriais e áreas de influência. Nas palavras de John L. Gaddis:

A resposta a todas as perguntas é praticamente a mesma: venceu a guerra uma coalizão cujos membros mais importantes já estavam em guerra – ideológica e geopoliticamente, se não militarmente – entre si. Quaisquer que fossem os triunfos da Grande Aliança na primavera de 1945, seu êxito sempre dependera da busca de objetivos compatíveis por sistemas incompatíveis. A tragédia foi esta: aquela vitória exigiria que os vencedores deixassem de ser o que eram ou desistissem de muito do que desejavam atingir com aquela guerra.⁵⁰

As negociações entre URSS, EUA e Inglaterra a respeito de “quem vai ficar com o quê”, foram inteiramente mediadas pelos seus respectivos líderes. Com medo de que a URSS assinasse um novo tratado com a Alemanha, Roosevelt e Churchill lidavam com Stalin de

⁴⁷ LAFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War 1945-2006**. 10ª edição. New York: Mcgraw-hill, 2006. p.03

⁴⁸ Idem, p.04

⁴⁹ GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p.06

⁵⁰ Idem, p.06

forma diplomática, cautelosa. A movimentação dos exércitos ingleses e americano na Itália e na Grécia, fez o soviético negar aos demais um papel relevante na ocupação da Romênia, Bulgária e Hungria, já que ele sequer foi avisado sobre o assunto. Em outubro de 1944, Churchill e Stalin concordaram que a URSS deveria sim ter influência nessas regiões e que os ingleses seriam reconhecidos na Grécia. Roosevelt não gostou de não ter sido consultado a esse respeito e excluiu Stalin das negociações sobre os termos de rendição do exército alemão no sul da Itália, fato que fez Stalin a quase entrar em pânico.⁵¹ Sempre quando um dos três homens de Estado tomava alguma atitude sem consultar os demais, acabava por ser deixado de lado em alguma outra negociação. Esse jogo de relacionamentos permaneceu ativo durante toda a fase de negociações do pós-guerra e alimentou a sensação de que qualquer um deles poderia ser enganado a qualquer momento.

A desconfiança existente entre Washington, Londres e Moscou desde o início da Segunda Guerra (principalmente entre Roosevelt e Stalin), e o medo do poder devastador da bomba atômica fez com que as relações entre esses três líderes ficassem muito mais conturbadas. Cada crise a respeito de fronteiras, instauração de governos e regiões de influência que deveriam pertencer a um, mas estavam sobre esfera do outro, viraram discussões constantes. Uma tensa situação parecia levar diretamente a outra. Depois de conseguir os territórios que queria na Europa oriental, Stalin retardou a retirada de suas tropas do Iraque e exigiu uma parte considerável da Turquia. Isso foi suficiente para os Estados Unidos começar a sua estratégia de ação.

Em 1946, um relatório conhecido como “longo telegrama” foi escrito por George F. Kennan a respeito da estratégia soviética, tanto para o âmbito doméstico quanto para as relações internacionais. Um ano mais tarde o artigo do Sr. X (que tempos depois descobriu-se ser Kennan), intitulado “*The Sources of Soviet Conduct*”, foi publicado na *Foreign Affairs* e obteve grande impacto em toda a sociedade americana. Ambos acabaram tornando-se fundamentais para o comportamento de Washington durante toda a Guerra Fria.⁵² Segundo Kennan:

A política Soviética orientava-se pelos princípios do antagonismo entre socialismo e capitalismo e pela infalibilidade do Kremlin (...) identificando as sociedades capitalistas como suas opositoras e como destinadas à destruição por suas próprias fraquezas e vícios. (...) Repetia-se uma constante da história russa: justificar o autoritarismo em casa e a expansão externa como forma de defender e preservar o país dos inimigos que desejavam unicamente a sua destruição.⁵³

⁵¹ Idem, p.19

⁵² GADDIS, op. cit., p.28

⁵³ PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança**. 2. ed. Porto Alegre: Editoria da Ufrgs, 2005. p.147

Com o artigo do Sr. X, e a política do novo presidente Henry S. Truman determinando a postura estadunidense, e com o relatório de 1947 de Nikolai Novikov, embaixador em Washington, a respeito das políticas exteriores norte-americanas (que foi especialmente requisitado por Stalin em resposta ao “longo telegrama”), as diretrizes básicas para a Guerra Fria estavam traçadas.

Muitos acontecimentos ocorreram nesse mesmo período. Dentre eles estavam a Doutrina Truman e o Plano Marshall, que já haviam sido aprovados e já estavam em andamento. O golpe de Estado na Tchecoslováquia em 1948, a primeira crise de Berlim nesse mesmo ano (que levou Stalin a construir o muro que dividiu a Europa),⁵⁴ a criação da OTAN em 1949 e todas as outras instituições cujo objetivo era moldar a nova ordem mundial (Banco Mundial, FMI, etc.), a situação da China com Mao Tse-tung, além da Guerra da Coreia, são apenas alguns exemplos do conturbado início da Guerra Fria.

Mas quando exatamente esse conflito começou? Um fato curioso para os estudantes da Guerra Fria diz respeito ao seu início e seu fim. Parte dos historiadores afirma não conseguir firmar uma data exata em que a guerra foi desencadeada. O próprio Gaddis acredita que, como um “redemoinho”, os acontecimentos provenientes da Segunda Guerra Mundial caíram nesse repetitivo padrão, em que sem ataques surpresa, sem declarações de guerra e nem mesmo uma ameaça de rompimento de relações diplomáticas,⁵⁵ o mundo se viu, repentinamente, imerso em uma disputa entre capitalistas e comunistas.

Outros autores possuem opiniões diferentes. Alguns acreditam que o marco inicial do conflito foram as decisões políticas de Stalin de 1946, em resposta ao discurso *Iron Curtain* de Churchill,⁵⁶ já que tais ações determinaram a política externa russa até metade dos anos 1980. Outros consideram as declarações de guerra que Stalin e Churchill fizeram no verão de 1946.⁵⁷ Diferente das suposições anteriores, o fato que foi popularmente aceito pela comunidade acadêmica de Relações Internacionais como o princípio do conflito aconteceu no dia 12 de março de 1947, onde o presidente americano “*dramatically presenting the Truman Doctrine to Congress, asked Americans to join in a global commitment against communism.*”⁵⁸

Por mais que seja difícil para a comunidade acadêmica chegar a um consenso sobre o início da guerra, essa divergência de opiniões não pairou durante seu desenvolvimento. Quando a Segunda Guerra mundial acabou, as duas maiores nações que existiam naquele período

⁵⁴ GADDIS, op. cit., p.31

⁵⁵ GADDIS, op. cit., p.26

⁵⁶ LAFEBER, op. cit., p.43

⁵⁷ Idem, p.46

⁵⁸ Idem, p.57

disputavam o controle do mundo. Uma queria a completa destruição do capitalismo que já estava fadado ao fracasso, enquanto a outra queria o fim do comunismo que representava exatamente o oposto de todas as bases das sociedades ocidentais. O mundo se encontrava em um cenário bipolar onde as duas potências mantinham um equilíbrio de poder delicado que, se abalado, poderia causar sérios danos à comunidade internacional.

A bomba atômica, com seu enorme poder de devastação, curiosamente acabou por ser uma variável favorável ao equilíbrio de poder. Como mostra a história, os EUA usou a bomba pela primeira vez no dia seis, e uma última vez no dia nove de agosto de 1945 contra o Japão durante a Segunda Guerra Mundial. Nunca mais esse armamento foi acionado em um ataque entre nações. Seu poder fez o mundo parar perante tamanha potência de destruição e os norte-americanos, convictos de que eram os únicos a possuir tal arsenal, imaginaram que o monopólio da arma significava vantagem perante seus inimigos. Truman torcia para que Stalin olhasse para Hiroshima e Nagasaki, temesse seu poder e moderasse suas ambições. Mais uma vez os americanos subestimaram o ditador soviético que sabia da importância de nunca demonstrar medo, por mais que estivesse aterrorizado.⁵⁹

Quando os EUA descobriram não ser o único a ter domínio do processo de fabricação da bomba, por intermédio do ministro do exterior soviético Vyacheslav M. Molotov em novembro de 1945,⁶⁰ o fato de agora também ser um alvo em potencial foi um estímulo para agir com muita cautela. Afinal, se os dois Estados mais poderosos do mundo podiam se ameaçar com a ‘bomba A’, o estrago causado não mudaria somente o curso de uma guerra. Absolutamente tudo o que existe estaria no campo de batalha.⁶¹ Com esse novo cenário o objetivo da bomba mudou: aquele que acumulasse maior número de ogivas teria maior segurança. Ficar atrás na corrida armamentista seria correr o risco de destruição. Ao mesmo tempo, ter essa quantidade tão grande de bombas atômicas ou bombas de hidrogênio (que foi testada em agosto de 1949 pelos estadunidenses) significaria, indiretamente, ter condições de destruir o mundo. Portanto, o objetivo das armas nucleares na Guerra Fria era convencer o oponente a nem ir à guerra.⁶² Claro que tanto americanos quanto soviéticos acreditavam que seu oponente usaria de todo seu poder caso achasse necessário, por mais que Stalin e Truman desejassem que isso nunca acontecesse.

Um bom exemplo sobre essa tensão em torno das armas nucleares foi a crise dos mísseis de Cuba. John F. Kennedy teve um conturbado primeiro ano de mandato: o fracasso do

⁵⁹ GADDIS, op. cit., p.53

⁶⁰ LAFEBER, op. cit., p.31

⁶¹ Idem, p.49

⁶² Idem, p.69

desembarque na Baía dos Porcos de Fidel Castro em 1961, a URSS colocando um marco na corrida espacial ao lançar um satélite e depois um homem ao espaço antes dos americanos, a retomada dos testes de armas nucleares pelos soviéticos e a construção do muro de Berlim.⁶³ Em 1962, ainda dez anos atrás na corrida armamentista em relação à capacidade de lançamento de mísseis de longo alcance,⁶⁴ Nikita Khrushchev enviou para o companheiro comunista Fidel Castro uma generosa quantidade de mísseis de médio alcance que possuía em abundância. Seu objetivo principal era estimular a revolução marxista-leninista na América Latina, já que os cubanos implantaram o novo sistema sem nenhuma pressão de Moscou, de forma totalmente independente. E também, ao mesmo tempo, ensinar a Washington, nas palavras do próprio Khrushchev, ‘o que é sentir que existem mísseis apontados para você; estávamos simplesmente dando a eles um pouco do seu próprio remédio’.⁶⁵

Kennedy interpretou a colocação dos mísseis soviéticos em Cuba como um ato de preparação para a guerra, produzindo efeitos psicológicos e políticos muito piores do que se existissem mísseis de longo alcance apontados para os EUA a partir da União Soviética.⁶⁶ E a tensão se agravava ainda mais por parte dos norte-americanos quando souberam que os dirigentes cubanos estavam autorizados a utilizar as armas em caso de invasão, o que mantinha o país seguro, pelo menos enquanto aquelas ogivas permanecessem em solo cubano.

Por mais que os EUA tivessem entre oito e dezessete vezes o poderio da URSS em armas nucleares, a ideia de perder duas ou três cidades americanas em ataque soviético-cubano foi o suficiente para Kennedy negociar publicamente com Khrushchev. Para retirar os mísseis da América Central, Kennedy se comprometeu a não fazer novas tentativas de invadir a país de Castro e em retirar seus mísseis de alcance intermediário da Turquia.⁶⁷ Por mais que a situação tenha se resolvido (tanto que Fidel permaneceu no poder em Havana até início de 2008 com o mesmo sistema político que Kennedy e seus sucessores tentaram derrubar), a crise dos mísseis de Cuba foi o que mais aproximou o mundo de uma terceira guerra mundial. Foram treze agonizantes dias para os dois blocos.

Inicialmente, as populações americana e a soviética sentiram-se mais seguras em relação ao inimigo se um grande arsenal estivesse à disposição caso alguma crise ocorresse, como aconteceu no caso de Cuba. Mas com o passar do tempo, a corrida armamentista foi lentamente perdendo sua força e, na década de 1980, ogivas e tanques de guerra perderam espaço perante a

⁶³ Idem, p.71

⁶⁴ Idem, p.72

⁶⁵ GADDIS, op. cit., p.73

⁶⁶ GADDIS, op. cit., p.74

⁶⁷ Idem, p.75

nova realidade internacional.⁶⁸ Com movimentos sociais em ascensão e novos atores políticos, a sociedade passou a trocar o medo da guerra, da violência, por uma postura mais ativa que ansiava por Paz. Por mais que fossem eficientes para reprimir as pessoas, metralhadoras e granadas começaram a ser desafiadas pelo diálogo.

Mas outros fatores colaboraram para o equilíbrio de poder. O cenário internacional da época foi marcado por competições entre as duas superpotências. Disputas por armamentos, pela conquista do espaço, por expansão territorial, por avanços tecnológicos. Foi exatamente nessa situação, em meio a uma Cortina de Ferro que dividia a Europa, em que os EUA e a URSS se viram travando uma disputa de influências pelos Estados da América do Sul, América Central, África e Oriente Médio. Alguns historiadores acreditavam que esse equilíbrio proporcionado pelo conflito evoluiria para uma “paz duradoura”,⁶⁹ uma era de estabilidade.

Em um mundo em que a cidade de Berlim era dividida ao meio, dentro de uma Alemanha dividida, dentro de uma Europa também dividida, para toda a geração pertencente ao período pós-guerra, essa era uma situação perfeitamente normal das relações internacionais.⁷⁰ Tão normal que era fácil aceitar a ideia da existência de duas Coreias e dois Vietnãs. O jogo de influências e poder que Washington e Moscou travavam após a Segunda Guerra Mundial era bem compreendido pelos demais atores da comunidade internacional.

Assim, após alguns anos os demais Estados aprenderam a lidar com essa situação, muitas vezes tirando proveito dela. Dois últimos exemplos são Mao Tse-tung na China comunista, e Charles de Gaulle na França capitalista. A França teve sua reconstrução financiada por Washington depois da Segunda Guerra, recebeu segurança por meio da OTAN e teve seu projeto nuclear apoiado. A China recebeu da URSS inspiração ideológica para sua revolução, além de ajuda, tanto econômica quanto militar, para a fabricação da sua bomba atômica.⁷¹ Pequim e Paris mantiveram um bom relacionamento com seus respectivos “patrocinadores” até o final dos anos 1950, quando, por não aceitarem que a Guerra Fria durasse indefinidamente,⁷² mudaram radicalmente suas posições a respeito da ordem bipolar em que o mundo se encontrava.

Nos primeiros anos 1960, de Gaulle deixou claro que seu objetivo era frustrar ao máximo as políticas dos Estados Unidos na Europa.⁷³ Recusou-se a coordenar a estratégia nuclear da França com a dos EUA e Inglaterra, vetou a entrada dos ingleses na Comunidade Econômica Europeia, em 1964 concedeu reconhecimento diplomático à China e em 1966 retirou-

⁶⁸ Idem, p.187

⁶⁹ GADDIS, op. cit., p.188

⁷⁰ Idem, p.188

⁷¹ Idem, p.132

⁷² Idem, p.188

⁷³ Idem, p.133

se definitivamente da cooperação militar com a OTAN. As respostas de Washington foram inefetivas em todos os sentidos, o que dava ainda mais força à França em recuperar sua autonomia política.⁷⁴

No Oriente a situação foi um pouco mais complicada. A situação entre a França e os EUA não era nada perto dos problemas que a China causava à URSS. Mao Tse-tung e Khrushchev, por mais comunistas que fossem, tinham preconceitos nacionalistas que os separavam. Por inúmeras vezes Mao atacou o vizinho do norte com humilhações mesquinhas e pronunciamentos enigmáticos.⁷⁵ Mao tinha o dom para sempre conseguir problemas tanto com a URSS, em seus ataques pessoais a Khrushchev, quanto com os EUA, de forma a conquistar um diferente tipo de equilíbrio. Nas palavras de Gaddis:

Como, então, de Gaulle e Mao, líderes de potências médias, foram capazes de tratar dessa forma superpotências? (...) Parte da resposta tem a ver com o novo tipo de equilíbrio de poder que estava acontecendo aqui: a estratégia de ‘defesa em todas as direções’ de de Gaulle não diferia muito da adotada por Mao, ‘ataque em todas as direções’. Ambos achavam no desafio da autoridade externa um modo de reforçar sua legitimidade interna. (...) Também parte da resposta esteve na extinção do medo. Por volta de 1960, a França e a China estavam bastante fortes no quadro das alianças que integravam, a ponto de não mais sofrerem das inseguranças que as levaram a buscar aquelas mesmas alianças.⁷⁶

Ao perceberem que estadunidenses e soviéticos estavam mais preocupados com soviéticos e estadunidenses do que com a Europa que tinham recém dividido à cerca de dez anos, Mao e de Gaulle perceberam uma boa oportunidade para levantar o moral de seus países que fora perdido após a Segunda Guerra. Conseguiram com sucesso. Mas não foram somente eles que aprenderam a lidar com as premissas do conflito.

A Segunda Guerra Mundial desencadeou um processo que encerraria o sistema adotado pelos grandes impérios europeus por quinhentos anos. O colapso do colonialismo coincidiu com o começo da Guerra Fria⁷⁷ e tanto a URSS (antiimperialista como sempre), e os Estados Unidos (que não viam nisso um grande problema), não deram devida atenção aos novos Estados independentes, que acabaram por seguir o exemplo da já extinta Iugoslávia.

Josip Broz Tito, líder dos iugoslavos, em 1948 rompeu relações com Stalin para não sacrificar sua soberania por solidariedade ideológica, mesmo sendo ambos bons comunistas. Nas palavras de LaFeber, *“Tito’s belief in communism had never been in question. (...) Tito’s nationalism, however, had never been questioned either. When Stalin began to demand full*

⁷⁴ Idem, p.134

⁷⁵ GADDIS, op. cit, p.135

⁷⁶ Idem, p.136

⁷⁷ Idem, p.116

Yugoslav adherence to the new economic and mutual assistance pacts, Tito balked.⁷⁸ Quando ouviu sobre a ruptura, Washington rapidamente enviou ajuda econômica à Iugoslávia e demonstrou certa simpatia por ele não ter submetido seu país ao controle da URSS. Tito percebeu sua chance nesse momento. Será que Moscou arriscaria atacá-lo sabendo que os americanos lhe prestavam assistência? Ao mesmo tempo, Tito não poderia ficar muito dependente dos EUA. Não sabia se a OTAN lhe daria proteção caso precisasse ou se tentariam implantar o sistema capitalista em troca de ajuda.

Tito, então, foi o pioneiro no sistema de “não-alinhamento” adotado por vários países durante a Guerra Fria. Seu objetivo não era fazer de suas ações um ato isolado e sim com que outros líderes o seguissem. Percebeu a mãe nacionalista na Ásia e passou a se relacionar com a Índia e China. Em 1955, convocou a primeira conferência de nações “não-alinhadas” na Indonésia e cujo objetivo era expandir a autonomia, encorajando a neutralidade na guerra.⁷⁹

A política do “não-alinhamento” foi muito importante para o equilíbrio de poder. Tito, Nasser do Egito, Nehru da Índia e Chou Em-lai da China provaram que ser superpotência na Guerra Fria não significava conseguir tudo que queria.⁸⁰ A União Soviética e os Estados Unidos aprenderam na prática que não poderiam jogar facilmente com pequenas Nações, pois elas poderiam se aliar ao bloco inimigo. Dessa forma, conquistaram sua autonomia.

O cenário internacional estava mudando. A situação econômica e social em que a Europa se encontrava na final da Segunda Guerra fez com que dois outros países fizessem dela o que bem entendessem—tanto que a dividiram e aplicaram nela seus próprios princípios. Na época os europeus não tinham como responder ao que estava sendo feito. Com o enorme número de baixas, cidades destruídas, fome e pouco acesso à educação, os cidadãos nada tinham a fazer além de aceitar o que lhes era imposto. Afinal, sair de uma guerra era um grande alívio; e receber ajuda para se reerguer também era.

Essa situação mudou em meados dos anos 1960. Com as atenções voltadas para as Alemanhas, uma nova geração acompanhou a disputa entre capitalismo e comunismo no único lugar possível em observá-los lado a lado: Berlim Oriental e Berlim Ocidental. O contraste entre os dois polos da mesma cidade era espantoso. Os cidadãos podiam, em questão de minutos e sem nenhum meio de transporte, sair de um mundo comunista e ir para outro completamente

⁷⁸ LAFEBER, op. cit., p.85

⁷⁹ GADDIS, op. cit., p.120

⁸⁰ Idem, p.123

diferente. Até então os berlinenses podiam transitar de um lado para o outro sem maiores problemas.

Berlim Ocidental, com suas universidades, centros culturais, bibliotecas e outros fatores impulsionados pelo Plano Marshall, transformou-se em uma grande propaganda das qualidades do capitalismo.⁸¹ Por mais que as tensões no lado ocidental da cidade fossem intensas (afinal, estava rodeada de soviéticos por todos os lados), a zona americana começou a atrair pessoas que abandonavam Berlim Oriental com o objetivo de chegar tanto ao lado ocidental da cidade quanto na Alemanha Ocidental. Essa liberdade de ir e vir começou a representar um grave problema à URSS. Berlinenses começaram a demonstrar insatisfação com a diferença nos padrões de vida. Grande parte das pessoas que abandonavam a zona soviética eram mais instruídas e bem treinadas⁸² que acabavam aderindo ao lado ocidental devido à repressão política ou dificuldades econômicas. Até então, um total 2,7 milhões de alemães fugiram da área soviética.⁸³

Com medo de que esse êxodo representasse uma falha explícita do marxismo-leninismo, Khrushchev e os dirigentes do Kremlin, no dia 13 de agosto de 1961, decidiram erguer uma barreira em volta de Berlim Ocidental, primeiro com uma cerca de arame farpado, depois com um muro de concreto com torres de segurança protegidas por soldados autorizados a atirar a quem tentasse atravessá-lo.⁸⁴ Agora que o lado oeste estava isolado e as pessoas perderam seu direito de ir e vir, por mais que cidades e países divididos ideologicamente fosse uma ideia normal para a primeira geração de pessoas que acompanharam a Guerra Fria, a nova geração encontrou dificuldade em aceitar um muro que dividia berlinenses de outros berlinenses.

No verão de 1967, seis anos após a construção do Muro de Berlim, a insatisfação atingiu os estudantes berlinenses, inclusive os da *Free University*. A universidade, que foi criada com investimentos de Washington, concentrava milhares de manifestantes que apontavam os EUA e seus aliados na Europa como “imperialistas”. Acabaram transformando a Casa da América, que tinha como objetivo aproximar a cultura norte-americana da alemã, em alvo de manifestações hostis.⁸⁵

No ano seguinte, a situação dos manifestantes nos EUA beirou a perda do controle. No mesmo ano em que Martin Luther King e Robert Kennedy foram assassinados, o presidente

⁸¹ Idem, p.108

⁸² LAFEBER, op. cit., p.223

⁸³ GADDIS, op. cit., p.109

⁸⁴ Idem, p.110

⁸⁵ Idem, p.138

Lyndon Johnson não podia nem participar das reuniões do seu partido por medo do perigo.⁸⁶ Manifestações contrárias à Guerra do Vietnã mobilizavam o país, e quando o presidente anunciou a invasão americana ao Camboja, quatro manifestantes universitários foram mortos pela Guarda Nacional de Ohio—a situação estava, segundo o novo presidente Richard Nixon, tão “anárquica” que, sem conseguir dormir, saiu da Casa Branca no meio da madrugada e foi discutir com estudantes que ali por perto estavam.⁸⁷

As manifestações chegaram ao pólo soviético também em 1968, quando os soldados russos marcharam pela Tchecoslováquia para impedir que as reformas da “primavera de Praga” pudessem se propagar.⁸⁸ O Kremlin realmente acreditava que a invasão resolveria essa questão e que seria fácil encontrar Tchecos dispostos a assumir o governo sob ocupação soviética. Os soldados, em vez de serem aclamados como achavam que seriam, foram vaiados de forma nunca antes vista. A Tchecoslováquia, que foi um dos países do leste europeu que mais conseguiu manter sua autonomia perante Stalin e os demais governantes seguintes, teve sua invasão repercutida em protestos na Iugoslávia, Romênia e China. Houve até uma pequena manifestação em frente ao túmulo de Lênin na Praça Vermelha em Moscou, fato inédito que surpreendeu os chefes do Kremlin.⁸⁹

Existem motivos que explicam a súbita aparição das forças sociais nesse período da história. O primeiro deles é que havia mais jovens do que nunca no passado. Após a Segunda Guerra Mundial, a taxa de natalidade alcançou grandes níveis, enquanto a taxa de mortalidade declinou incrivelmente (fenômeno conhecido como *baby boom*). Esse foi um fenômeno geral, não foi isolado somente nos EUA ou na URSS. Com isso, segundo Gaddis, “no final dos anos 60 e começo dos 70, a geração pós-guerra estava em torno dos vinte anos: idade suficiente para criar problemas, se assim desejasse”.⁹⁰ Outro fator importante, também comum ao mundo todo, foi a educação. Diferente de seus antecessores, os jovens nascidos durante a Guerra Fria cresceram em um mundo marcado pela corrida armamentista e pela corrida espacial, que dependiam do avanço da ciência e tecnologia. Com isso, os próprios Estados não perceberam que, investindo em educação, também se investia no senso crítico das pessoas. As matrículas em universidades entre 1950 e 1970 foram quase triplicadas nos EUA, na URSS, na França e até mesmo na China.⁹¹ Os líderes do Kremlin começaram a se preocupar com o fato de pessoas instruídas estarem

⁸⁶ LAFEBER, op. cit., p.270

⁸⁷ GADDIS, op. cit., p.139

⁸⁸ GADDIS, op. cit., p.145

⁸⁹ Idem, p.146

⁹⁰ Idem, p.140

⁹¹ Idem, p.140

insatisfeitas com o sistema em que estavam inseridas, e se essa insatisfação geraria problemas no futuro.

Os anos 70, período conhecido como *détente*, foi uma época de mudanças para os Estados Unidos e União Soviética. Os americanos, pela primeira vez desde 1945, entraram em um crescente processo de perda de terreno no campo econômico, aumentando sua dívida interna e diminuindo sua participação na produção mundial. Esse declínio da economia e o avanço da URSS ficou conhecido como o término da *pax americana*.⁹² Foi nesse período que o Vietnã foi unificado, que o escândalo do Watergate obrigou Nixon a renunciar à presidência e que o SALT (*Strategic Arms Limitation Talks*), tratado cujo objetivo era controlar as armas, tornou-se pauta de discussões. Já a URSS apresentou crescimento econômico e foi escolhido para ser sede das Olimpíadas de 1980. Apesar das tentativas, a *détente* teve seu fim no final dos anos 70, pois falhou em deter a corrida de armas nucleares, em acabar com a rivalidade das superpotências no “terceiro mundo” e também em impedir que a URSS empregasse força militar em nome do socialismo, já que foi isso que fez contra o Afeganistão.⁹³ Foi um período relativamente tranquilo nas relações entre as duas nações, já que estavam mais preocupadas com seus problemas internos e manifestações dos membros da nova geração.

Mas não foram somente os universitários que sentiram necessidade de realizar mudanças no sistema bipolar da Guerra Fria. Apareceram outros importantes atores no cenário internacional que colaboraram para o início do fim desse conflito. As revoltas começaram de baixo, primeiro nos centros estudantis das universidades, depois em bandas de rock que cantavam a favor de mudanças,⁹⁴ mais tarde conseguiram organizar movimentos que ultrapassaram limites territoriais e, finalmente, chegaram a posições com destaque internacional, como o Papa.

Karol Wojtyla tornou-se Papa em 1978, com 58 anos (o mais jovem em 132 anos), foi o primeiro não-italiano em 455 anos e o primeiro eslavo em toda a história.⁹⁵ Ter um homem nascido em um país socialista, eleito em um conclave no Vaticano para ser Papa ultrapassou o limite da compreensão dos membros dos partidos comunistas da Europa. E ter um cidadão de Wadowice (pequena cidade a cinquenta quilômetros ao sul de Cracóvia) no mais alto cargo da igreja católica surtiu grande efeito na população polonesa. João Paulo II chegou a Varsóvia e foi recebido por uma multidão de compatriotas, cena que se repetiu em todas as cidades por onde passou nos nove dias que visitou a Polônia, em junho de 1979. Para muitos, a visita do Papa

⁹² PECEQUILO, op. cit., p.189

⁹³ GADDIS, op. cit., p.203

⁹⁴ Idem, p.183

⁹⁵ Idem, p.184

polonês a seu país natal foi o que “deflagrou o processo pelo qual o comunismo na Polónia – e depois em toda parte na Europa – teria fim”.⁹⁶

O Papa João Paulo II, por mais fundamental que seu papel tenha sido para o choque do comunismo no leste europeu, não foi a única figura que colaborou para as críticas a respeito do cenário bipolar em que o mundo se encontrava a então. Outros atores de peso, como Margaret Thatcher (a primeira mulher a ocupar o cargo de primeiro-ministro, de homem de Estado, da Inglaterra), Deng Xiaoping (sucessor de Mao Tse-tung que fez mudanças econômicas de grande importância na China) e Lech Walesa (jovem electricista polonês que criou o primeiro sindicato independente da história de um país marxista-leninista) também ajudaram a mudar o rumo das relações internacionais.⁹⁷ Cada um deles com características marcantes bem diferentes. Thatcher tinha fama de mulher firme, talvez mais que os homens. Xiaoping, o mais pragmático sucessor de Mao, fez mudanças nas restrições do comunismo à livre empresa, o que fez melhorar o poder aquisitivo dos chineses.⁹⁸ Quando Walesa foi preso em dezembro de 1981, por ordem do governo polonês para evitar uma invasão soviética, disse aos homens que foram prendê-lo: “Este é o momento da derrota de vocês. São os últimos pregos no caixão do comunismo”.⁹⁹ Frase memorável.

O Papa João Paulo II, Margaret Thatcher, Deng Xiaoping e Lech Walesa e a onda de manifestações da sociedade civil foram os responsáveis em preparar o mundo para o que ainda estava por vir. Como a *détente* falhara, tornou-se necessária a criação de uma nova forma de relacionamento entre as duas superpotências, forma que determinava que a simples coexistência entre comunistas e capitalistas não era o suficiente para por um fim ao conflito que se estendia desde o final dos anos 40. Os acontecimentos dos anos 80 foram fundamentais para o novo diálogo que se estenderia até o final da Guerra Fria. Esse novo diálogo só foi possível com a chegada de dois novos e importantes atores na política internacional, que acabaram por ter um papel muito mais relevante do que os citados acima.

Ronald Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos humilhando Jimmy Carter nas eleições de 1980. Conquistou essa vitória assumindo publicamente sua opinião a respeito da *détente*, com um discurso que a acusava de perpetuar a Guerra Fria e que a única resposta para a resolução das controvérsias entre EUA e URSS era sua extinção.¹⁰⁰

O discurso que Reagan adotou durante seu primeiro mandato, entre 1981 e 1985, foi bem diferente do adotado pelos demais presidentes americanos. Diferente de seus antecessores (e

⁹⁶ Idem, p.185

⁹⁷ GADDIS, op. cit., p.188

⁹⁸ Idem, p.189

⁹⁹ Idem, p.213

¹⁰⁰ Idem, p.109

de seu vice-presidente, George H. W. Bush), ele não via a Guerra Fria como uma constante no cenário internacional. Acreditava que ela teria fim caso o diálogo entre os dois países mudasse. E mudou tanto que os próprios cidadãos ficaram pasmos quando o discurso “devemos aceitar a URSS como superpotência concorrente e impedi-la, a todo custo, a vencer o capitalismo” mudou para “não devemos tentar conter o comunismo, pois este se encontra a beira de uma crise revolucionária; o Ocidente aguarda sua extinção”.¹⁰¹ Com essa mudança de perfil, aproveitando que a guerra do Afeganistão se transformara em um impasse sangrento, que o preço do petróleo declinara, piorando sua situação econômica e que o cenário político se encontrava em um período de transição, do falecido Leonidi Brejnev para Iuri Andropov, Reagan colocou sua nação em um patamar acima dos soviéticos, fazendo com que todos acreditassem que a crise ideológica que pairava na Europa Oriental seria a sua ruína e que os EUA iriam prevalecer.

Em 1983, após seu discurso do “império do mal” em que atacava a legitimidade dos líderes comunistas, o Chefe de Estado norte-americano começou a mudar sua estratégia na corrida armamentista: em vez de anunciar um novo arsenal de armas nucleares, anunciou um sistema de interceptação de mísseis balísticos que os impediria de alcançar seus objetivos (sistema que ficou conhecido como *Star Wars*). Tornou-se também o primeiro anticomunista, pró-militar, bom republicano a querer transformar as bombas nucleares em armas impotentes¹⁰² criando o START (*Strategic Arms Reduction Talks*). A real ameaça de destruir o mundo não fazia tanto sentido nos pensamentos de Reagan.

A política de defesa americana, herdada na Guerra Fria, tornou-se a responsável pela dor de cabeça dos dirigentes do Kremlin. Depois de anos gastando seus recursos em mísseis ofensivos, a URSS se viu em um beco sem saída, pois além de todos os seus esforços na corrida armamentista terem se tornado em vão, essa era uma estratégia que demandava conhecimentos que eles não tinham ideia nem por onde começar.¹⁰³ Andropov e seus companheiros de partido quase entraram em pânico quando, por informações da KGB, concluíram que os EUA estariam planejando um ataque surpresa. O medo se intensificou quando os EUA e seus aliados da OTAN fizeram manobras militares conjuntas em um exercício chamado Able Archer em novembro de 1983, com participação de comandos em nível superior, o que era normal. Como exercícios como esses eram comumente realizados no outono, a inteligência soviética enviou à presidência relatórios que interpretavam o Able Archer como um iminente ataque nuclear surpresa. Segundo Gaddis: “Provavelmente, foi o instante mais perigoso desde a crise dos

¹⁰¹ Idem, p.214

¹⁰² GADDIS, op. cit., p.218

¹⁰³ Idem, p.218

mísseis de Cuba e ninguém em Washington se deu conta disso, até que um espão bem-posicionado no escritório da KGB em Londres alertou a inteligência inglesa, que passou as informações aos americanos”.¹⁰⁴

A crise do exercício Able Archer convenceu Reagan a mudar seu discurso. Resolveu tentar apaziguar as tensões e melhorar as relações soviético-americanas. Ao mesmo tempo em que era reeleito por uma diferença esmagadora contra o candidato democrata, Andropov faleceu e Konstantin Chernenko assumiu a liderança soviética. “Debilidado idoso que parecia um zumbi, incapaz de interpretar relatórios de informações, alarmantes ou não”,¹⁰⁵ Chernenko morreu em maio de 1985. Por mais que a fatalidade tenha irritado Reagan, por não conseguir chegar a lugar nenhum com os russos que “viviam morrendo”,¹⁰⁶ seu substituto foi uma das melhores coisas que aconteceram para a Guerra Fria. Ele e Reagan foram os dois atores mencionados anteriormente como mais importantes para o desfecho do conflito.

Mikhail Gorbachev, aos seus cinquenta e quatro anos, foi o mais jovem líder do Estado soviético desde Stalin e o primeiro desde Lênin a ter educação universitária (era advogado formado). Foi também o primeiro, desde a Revolução Russa, a enxergar tanto os erros que foram cometidos em seu país quanto os fracassos causados pela ideologia marxista-leninista.¹⁰⁷ O novo líder da União Soviética tinha um perfil não diferente de seus antecessores que o Ocidente demonstrou certa simpatia por ele. Reagan e Bush ficaram espantados com sua postura e cordialidade, diferentes do jeito “sinistro, grosseiro, senil e perigoso”¹⁰⁸ predominante até então. Gorbachev, o homem educado, inteligente e provido de novas ideias, fazia parte daquela nova geração de líderes que queriam fazer diferente dos antigos. LaFeber e Wendt sintetizam bem essa questão:

*Gorbachev was not an isolated, weird phenomenon. He represented a new Soviet generation that had become adult after Stalin's death, was well educated in the professions, had been inspired by Khrushchev's attempted reforms, was repelled by what it termed Brezhnev's repressive "stagnation," knew something about the West, and understood how far the country was falling behind the West in technology. This new class's politics ranged from radical to reactionary, but numerically it was the largest professional class in the world. Gorbachev and this new class demanded what they soon called "new thinking".*¹⁰⁹

New Thinking embodies such critical theorizing. Gorbachev wants to free Soviet Union from the coercive social logic of the cold war and engage the West in far-

¹⁰⁴ Idem, p.219

¹⁰⁵ GADDIS, op. cit., p.220

¹⁰⁶ Idem, p.220

¹⁰⁷ Idem, p.220

¹⁰⁸ Idem, p.221

¹⁰⁹ LAFEBER, op. cit., p.338

*reaching cooperation. Toward this end, he has rejected the Leninist belief in the inherent conflict of interest between socialist and capitalist states and, perhaps more important, has recognized the crucial role that Soviet aggressive practices played in sustaining that conflict.*¹¹⁰

Agora que os líderes das duas superpotências sabiam ao menos como tratar o outro de forma diplomática, e com o “*new thinking*” soviético, logo no início do governo Gorbachev em 1985, a corrida armamentista virou pauta de discussões, por insistência de Reagan que afirmava não querer nada além de criar uma defesa contra o terror das armas. Gorbachev lidava com o líder americano com desconfiança, pois não sabia das suas reais intenções. O debate se estendeu até abril de 1986 quando o líder russo, abalado com a explosão da usina nuclear de Chernobyl e inconformado com o enfermo sistema em que sua nação se encontrava, determinou que passasse a haver *glasnost* (transparência e publicidade na política) e *perestroika* (reestruturação da economia) dentro da URSS.¹¹¹ Chernobyl foi como um golpe na consciência dos membros do Kremlin e nos cientistas e especialistas que diziam que o sistema era desprovido de falhas.

A explosão da usina nuclear fez Gorbachev repensar o sistema político que era adotado em toda a esfera de influência da URSS. Passou a se encontrar periodicamente com o Secretário de Estado americano George P. Shultz, que fora professor de economia em Stanford, para entender melhor como a centralização da economia havia resultado em um padrão de vida não inferior ao padrão dos ocidentais. Chegaram à conclusão que para igualar a economia com as dos países do oeste, reformas radicais deveriam ser feitas. Também estava preocupado com a insatisfação da população, que desde os anos 1970 era controlada somente sob ameaça de emprego da força.¹¹²

Esse último ponto foi levado a sério pelo homem de Estado soviético. Ele sabia que qualquer tentativa de controle da população por meio da força iria somente prejudicar o sistema soviético fazendo as pessoas desacreditarem em sua ideologia. Foi por isso que em dezembro de 1988, na Assembleia geral das Nações Unidas, Gorbachev informou ao mundo que recolheria seus exércitos que ainda se situavam nos países membros do Pacto de Varsóvia,¹¹³ retirou suas tropas do Afeganistão e decidiu não mais se envolver com líderes revolucionários do terceiro mundo que buscavam apoio ideológico.

No período em que Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev estavam à frente de seus respectivos países, as relações entre URSS e EUA alcançaram patamares incriveis. Havia alguma coisa entre eles que fez o líder soviético acreditar na palavra do americano, e este, sem saber ao

¹¹⁰ WENDT, op. cit., p.421

¹¹¹ GADDIS, op. cit., p.223

¹¹² Idem, p.227

¹¹³ Idem, p.227

certo o porquê, acreditou na intenção das mudanças que o russo havia aplicado. No entanto, esse período chegou ao fim em 1989 com a posse de George H. W. Bush no cargo de presidente dos EUA. Mesmo tendo sido vice-presidente de Reagan, Bush era bem diferente de seu antecessor, principalmente por não ter essa “simpatia” especial por Gorbachev. Por mais que o admirasse como um sujeito educado e não-amedrontador, não tinha certeza sobre as ‘reais intenções’ dos soviéticos e duvidava do caráter revolucionário das medidas que foram tomadas após a morte de Chernenko.¹¹⁴ Por sua vez, Gorbachev era cauteloso em relação a Bush. Tinha a sensação que o republicano tinha medo, por mais que Reagan e Gorbachev lutaram contra essa ideia, de pertencer ao lado perdedor no final da Guerra Fria.¹¹⁵

Por mais que as desconfianças entre esses dois atores pudessem resultar em problemas para suas relações diplomáticas, as duas maiores lideranças do mundo tiveram seus papéis ofuscados pelos acontecimentos que se iniciaram em 1989 e que se estenderiam até o final da Guerra Fria. Por mais que fuja a lógica do conflito, nada poderia ser feito para deter esses acontecimentos (nem mesmo o poder dos líderes), que passaram de manifestações para ação.

As mudanças na zona de influência soviética que ocorreram em 1989 foram radicais: em junho o novo primeiro-ministro húngaro autorizou, ao mesmo tempo, um novo funeral a Imre Nagy (primeiro-ministro que liderou a rebelião de 1956 contra o sistema autoritário soviético e que fora executado mais tarde por ordens de Khrushchev) que contou com a presença de duzentos mil húngaros, e, mais audaciosamente ainda, cortou a verba para continuar a manutenção da cerca de arame farpado ao longo da fronteira entre a Hungria e a Áustria (por onde os refugiados tentaram fugir em 1956).¹¹⁶ Em agosto, o primeiro governo não comunista subiu ao poder na Europa Oriental após a Segunda Guerra, decidida em eleições sem fraudes onde os candidatos do partido de Lech Walesa conquistaram todas as cadeiras, menos uma.¹¹⁷ Gorbachev passou de um líder soviético a nova esperança dos povos, percebendo pela primeira vez a chamada “*Gorby Fever*”¹¹⁸ quando, também em junho, visitou a China e foi aclamado pela população de um Estado que se encontrava em plena crise política a respeito de sua abertura (manifestantes tomaram a Praça da Paz Celestial e foram reprimidos de forma brutal—ainda não se sabe ao certo quantos morreram em choque com a polícia).¹¹⁹ A “*Gorby Fever*” também mostrou-se presente em Berlim Oriental, quando os participantes de um desfile de

¹¹⁴ GADDIS, op. cit., p.231

¹¹⁵ Idem, p.231

¹¹⁶ Idem, p.232

¹¹⁷ Idem, p.233

¹¹⁸ LAFEVER, op. cit., p.245

¹¹⁹ GADDIS, op. cit., p.234

comemorações oficiais trocaram suas frases decoradas por “Gorby, Socorro! Gorby, fique aqui!”¹²⁰

De todas essas mudanças, a mais importante aconteceu na Alemanha Oriental em resposta às mortes ocorridas na Praça da Paz Celestial, em Pequim. O governo japonês transmitiu pela televisão um documentário sobre a eficiência da polícia chinesa em controlar agitadores descontrolados. A exibição desse documentário alcançou espectadores alemães na mesma época que a notícia sobre a extinção da cerca de arame farpado da Hungria se espalhou pela Alemanha Oriental. O resultado não poderia ter sido diferente:

Quando as autoridades húngaras retiraram o arame farpado ao longo de sua fronteira com a Áustria, pretendiam apenas facilitar a travessia para seus cidadãos. Mas a notícia se espalhou e logo milhares de alemães orientais estavam dirigindo seus minúsculos, resfolegantes e poluentes Trabants através da Tchecoslováquia e da Hungria para chegar à fronteira, onde abandonavam os carros e atravessavam a pé. (...) Em setembro, havia 130 mil alemães orientais na Hungria e o governo anunciou que, por motivos humanitários, não tentaria impedi-los de migrarem para o ocidente.¹²¹

A Europa Oriental sempre foi aterrorizada e reprimida pelos chefes soviéticos. Agora que ele, o homem de Estado da União Soviética, nada fazia para deter a autonomia dos Estados menores que abriram suas fronteiras e não ameaçava com força a migração dos alemães, que foram estimulados a aproveitar a chance concedida pela Hungria por horror ao que aconteceu na China socialista. Assim, o próprio socialismo foi perdendo a força dentro do bloco soviético que já há algum tempo vinha sofrendo crises ideológicas.

A migração em massa dos alemães e as manifestações contra o governo que se intensificaram após o retorno de Gorbachev a Moscou, significaram que o governante da Alemanha Oriental, Erich Honecker, que se considerava “o socialista número um” do mundo,¹²² finalmente perdera sua autoridade. Foi obrigado a renunciar nove dias depois. O novo e desorganizado governo procurou formas alternativas de resolver a situação em vez de usar a força, como fizera Deng na China. Em uma reunião feita às pressas, com um relatório improvisado e entregue ao porta-voz do governo, Ginter Schabowski, que não esteve presente durante sua elaboração e que, também às pressas, passou os olhos no documento, divulgou em entrevista coletiva que os cidadãos da Alemanha Oriental estavam livres para sair por qualquer dos postos da fronteira.¹²³ O objetivo da reunião era relaxar (e não abolir) as regras que limitavam a travessia de pessoas para o

¹²⁰ Idem, p.236

¹²¹ GADDIS, op. cit., p.235

¹²² Idem, p.236

¹²³ Idem, p.237

Ocidente. O erro de Schabowski resultou no que muitos acadêmicos acreditam ser o marco final da Guerra Fria:

Krenz (novo chefe do governo da Alemanha Oriental), retido em uma reunião do comitê central, não fazia idéia do que estava ocorrendo e, quando descobriu, a quantidade de gente era grande demais para ser controlada. Finalmente os guardas da fronteira da Bornholmer Strasse abriram os portões por conta própria e os extasiados berlinenses do leste invadiram Berlim Ocidental. Logo, alemães de ambos os lados estavam sentados, em pé e até dançando sobre o Muro. Muitos trouxeram marretas e talhadeiras e começaram a derrubá-lo. (...) Com o Muro vazado, tudo era possível.¹²⁴

Com a queda “acidental” do Muro de Berlim em nove de novembro de 1989, uma onda de reformas avançou pela Europa Oriental: em 10 de novembro o governante comunista da Bulgária, Toder Zhivkov, anunciou seu afastamento do cargo e seu partido iniciou negociações com a oposição para a realização de eleições livres. Também em novembro as manifestações iniciadas em Praga se espalharam pela Tchecoslováquia e no final do ano Alexander Dubcek, que liderou a Primavera de Praga em 1968, assumiu o cargo de presidente da assembleia nacional, que se reportava diretamente ao novo presidente, Václav Havel. Em dezembro, o ditador Romeno Nicolai Ceausescu matou noventa e sete pessoas com esperança de manter seu regime, mas acabou preso, julgado e sacrificado com sua mulher no dia de Natal.¹²⁵

Era inevitável, com a queda do Muro, falar sobre a reunificação alemã. Esse era um assunto delicado, pois o mundo inteiro ainda sofria com o fantasma dos acontecimentos realizados pelo último Estado alemão unificado.¹²⁶ Apesar das lembranças de Hitler ainda assombrarem a comunidade internacional, os cidadãos alemães deixaram claro que não aceitariam nada menos que a reunificação. Essa era uma questão complexa porque o lado leste da Alemanha fazia parte do Pacto de Varsóvia e ainda havia cerca de 300 mil soldados soviéticos na região. Do lado oeste, que integrava a OTAN, continha 250 mil soldados americanos em seu território.

Esse foi um ponto de divergência entre os dois Estados. Cada um queria que a Alemanha fosse reunificada abandonando a proteção concedida pelo outro. Gorbachev chegou a sugerir que a nova Alemanha unificada pertencesse tanto ao Pacto de Varsóvia quanto a OTAN, simultaneamente,¹²⁷ mas a idéia não obteve sucesso. Ele, George H. W. Bush e Helmut Kohl (chanceler da Alemanha Ocidental) debateram diferentes idéias por oito meses em busca de alguma conclusão que agradasse às duas partes, o que se mostrou realmente difícil. Finalmente,

¹²⁴ GADDIS, op. cit., p.238

¹²⁵ Idem, p.238

¹²⁶ Idem, p.241

¹²⁷ Idem, p.242

em julho de 1990, os ocidentais conseguiram convencer o líder soviético de que era melhor a Alemanha integrar a OTAN, do que não ter vínculo algum de responsabilidade internacional.¹²⁸ Afinal, ter um país com o histórico da Alemanha livre de influências pela primeira vez desde o término da Segunda Guerra Mundial era um tanto preocupante. Mas agora a Alemanha estava unificada dentro da OTAN e Gorbatchev, graças a seu “*new thinking*” em evitar a todo custo conflitos e desentendimentos, foi cada vez mais aclamado.

Isto é, aclamado fora de sua nação. Com a unificação alemã dentro dos limites da OTAN, a “*Gorby Fever*” crescia no ocidente e decaía no oriente. Ao verem a URSS estagnada economicamente desde meados de 1970, que a liberdade política começou a parecer mais uma anarquia pública¹²⁹ e com a “derrota” na Alemanha, líderes dos Estados menores e os próprios dirigentes do Kremlin passaram a duvidar da continuidade da URSS.

Além da revolta da população que se manifestava contra o partido de Lênin, socialismo e até mesmo contra Gorbatchev, muitos Estados que foram incluídos na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas já sondavam seguir o mesmo caminho que a Alemanha, ou seja, a conquista de relativa autonomia não era nada perto da conquista da independência. Quando Lênin organizou a URSS, até o dia em que Gorbatchev assumiu o poder, havia tantas repúblicas não-russas quanto russas dividindo a mesma “União”,¹³⁰ sendo que muitas dessas não-russas nunca abriram mão de sua identidade cultural e lingüística. Então, em 1991, o primeiro dos países bálticos, a Lituânia, proclamou sua independência depois que soldados soviéticos atiraram em manifestantes em Vilna. A Letônia e a Estônia seguiram seus passos no mesmo ano. Depois vieram a Ucrânia, as repúblicas transcaucasianas, Moldávia e muitas outras.

Em junho de 1991 a maior república de todas as que pertenciam a URSS, a Rússia, elegeu seu próprio presidente, Boris Yeltsin. Gorbatchev caiu definitivamente depois de um golpe malsucedido que não o depôs, mas deu ainda mais legitimidade a Yeltsin.¹³¹ E foi assim, em 25 de dezembro de 1991, que o último chefe da União Soviética ligou para o presidente americano para desejar-lhe Feliz Natal, entregou a Yeltsin os códigos de segurança para lançar um ataque nuclear e assinou o decreto que colocava um fim definitivo a URSS. Após assinar o decreto, disse as seguintes palavras em seu discurso de despedida: “Foi posto um ponto final na Guerra Fria, na corrida armamentista e na insana militarização de nosso país, que debilitou nossa

¹²⁸ Idem, p.243

¹²⁹ GADDIS, op. cit., p.244

¹³⁰ Idem, p.244

¹³¹ Idem, p.248

economia, distorceu nosso pensamento e solapou nosso moral. A ameaça de uma guerra mundial ~~já~~ não existe.¹³²

Como foi dito no começo deste capítulo, um dos principais pontos de discordância entre membros da comunidade acadêmica é a respeito das datas inicial e final da Guerra Fria. Por mais que Gorbachev tenha colocado um ponto final no conflito em seu último discurso, o marco determinante do fim da guerra ainda está em debate. Alguns acreditam que teve seu fim decretado quando o último líder da URSS subiu ao poder em 1985 e apresentou reformas que mudariam o sistema soviético. Outra parte deles acredita que tudo estava terminado quando Gorbachev recolheu o meio milhão de homens pertencentes ao Exército Vermelho dos países que integravam o Pacto de Varsóvia. Outros acreditam que foi a queda do Muro de Berlim, o maior símbolo de poder do império socialista, que mostrou que não só o sistema estava prestes a ruir, mas toda a ideologia por trás dele entrou em colapso. Outros ainda preferem tomar como marco a assinatura que colocou um fim na URSS e que, sem ela, não existiria mais disputa pela hegemonia internacional.

Alexander Wendt tem uma posição interessante a respeito. Para ele, a Guerra Fria acabou quando os dois Estados pararam de ver um no outro uma ameaça. Nas palavras do próprio:

If the United States and Soviet Union decide that they are no longer enemies, "the Cold War was over" (...) Without the Cold War's mutual attributions of threat and hostility to define their identities, these states seem unsure of what their "interests" should be.¹³³

Então, a Guerra Fria chegou ao fim porque a imagem que um Estado havia criado do outro mudou, alterando também seus objetivos de política internacional. Quando as identidades dos agentes mudaram, o cenário internacional também mudou, o que significou em uma mudança no significado da própria Guerra Fria. Em outras palavras, a guerra acabou porque as duas nações, que desde o final da Segunda Guerra Mundial se viam como inimigas, passaram a se entender de outra forma, não mais como ameaça. Sem essa ameaça, a Guerra Fria chegou ao fim.

Existe ainda um grupo mais radical, do qual o próprio LaFaber faz parte, que acredita não ser possível falar no término da guerra. Parte de seu argumento defende que, por mais que o Muro tenha caído e que a URSS tenha deixado de existir, EUA e Rússia ainda eram partes importantes do cenário internacional durante os anos 1990 e que suas diferenças, tanto ideológicas quanto diplomáticas, estavam longe de serem resolvidas. Por mais que o "disfarce" da Guerra Fria tenha chegado ao fim para a maioria, a disputa por poder e influência continuou

¹³² Idem, p.249

¹³³ WENDT, op. cit., p.397/399

entre Estados Unidos e Rússia, e se segue até hoje, atravessando momentos de aproximação de distanciamento de suas relações. Como diria LaFeber: *“The Cold War was over, but the roots of the century-long competitions between Americans and Russians remained, not least because of the thousands of nuclear weapons whose triggers were finger by Moscow and Washington officials.”*¹³⁴

Se o conflito chegou ou não ao seu fim, aquele jogo de relações que era bem compreendido pelos demais membros da comunidade internacional terminou nos anos 90. Foi colocado um ponto final na disputa entre americanos e soviéticos daquela forma disfarçada e dissimulada, que em pouco mais de quarenta anos de conflito só trocaram tiros diretos apenas uma vez, entre caças que cobriam os ares durante a Guerra da Coreia nos anos 1950.¹³⁵ Agora começava um novo período das relações internacionais em que, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo não estava dividido em dois pólos distintos e os Estados tinham autonomia para escolherem seus próprios caminhos. O equilíbrio de poder que antes era assegurado pelas armas nucleares e pela política do não-alinhamento, tornou-se um terreno novo em que as nações ainda não sabiam ao certo o que esperar. Uma nova etapa da história começava agora.

¹³⁴ LAFEBER, op. cit., p.349

¹³⁵ GADDIS, op. cit., p.58

CAPÍTULO 3

Os Quatro Momentos

Como dito anteriormente no final ao Capítulo 2, o fim da Guerra Fria nos primórdios dos anos 90 não encerraram as relações entre Rússia e Estados Unidos da América (EUA). O cenário agora mudou: os EUA saíram da Guerra Fria com uma agradável sensação de vitória por terem sobrevivido à disputa com a outra grande potência do mundo e se encontravam em uma confortável posição econômica. Já a Rússia, maior república que pertencia a já extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), estava passando por uma grave situação econômica e não mais tinha controle sobre as regiões que antes lhe eram anexadas.

Mesmo que cada um dos protagonistas da guerra tenha entrado na década de 1990 em situações opostas, as diferenças entre russos e americanos permaneceram em cena, fazendo com que suas relações diplomáticas passassem por momentos de aproximação e distanciamento. Nas palavras de LaFeber: *“The end of the Soviet Union certainly did not mean the end of crises with Russia. It did mean, however, the end of a kind of predictability that had become a most important part of the Cold War.”*¹³⁶ E é sobre o novo e incerto relacionamento entre estadunidenses e russos que esse terceiro capítulo é dedicado.

No decorrer da demonstração e ilustração dos acontecimentos que ocorreram entre 1990 e 2008, quatro momentos recebem atenção especial: a Guerra do Golfo, a tentativa de expansão da OTAN pelos estadunidenses, a Guerra do Iraque e a crise do Escudo de Mísseis. Esses acontecimentos, mesmo que tenham tido participação de outros atores da comunidade internacional, serão analisados observando como os dois Estados soberanos, Rússia e EUA, se relacionaram, tendo cada um com um posicionamento. Esse relacionamento será avaliado pelos conceitos teóricos que foram apresentados no primeiro capítulo, com o objetivo de verificar se as hipóteses que foram apresentadas na parte introdutória dessa monografia foram úteis para o estudo.

Como já dito, o cenário internacional mudou com o decorrer da Guerra Fria. Como os Estados passaram a exercer grandes investimentos em educação e tecnologia a partir dos anos 1950, o perfil dos anos 1990 foi marcado por um grande avanço no setor de comunicações, especificamente nas telecomunicações e nos computadores com a expansão da *world wide web*.

¹³⁶ LAFEBER, op. cit., p.349

A internet e os grandes canais de notícias fizeram com que as pessoas tivessem acesso a informação vinte e quatro horas por dia e permitiram que a troca de conhecimentos fosse feita de forma muito mais rápida que qualquer outro sistema criado anteriormente. Logo, a velocidade em que a informação era transmitida pelo mundo é uma variável de peso para novo cenário internacional.

Outra diferença importante entre o esse cenário e aquele já conhecido do período Guerra Fria é de cunho ideológico. Durante os anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, EUA e URSS travaram uma batalha entre democracia e comunismo, entre dois diferentes modos de vida que implicavam no desaparecimento do outro.¹³⁷ Agora que a URSS não mais existia e a Rússia começou a abrir a sua economia, esse debate cedeu seu lugar a uma outra disputa ideológica: a questão da religião. As diferenças religiosas não foram uma variável muito importante para os Estados durante a Guerra Fria (tanto que a antiga Iugoslávia possuía em seu território servos cristãos ortodoxos, croatas católicos romanos e bosnianos em grande parte muçulmanos).¹³⁸ Agora que a Guerra Fria acabou, muitos daqueles que foram prejudicados pelo descaso das superpotências por suas crenças resolveram aproveitar o momento de incerteza dos anos 1990 para realizarem suas próprias revoluções. As diferenças religiosas assumiram um papel importante nos acontecimentos do pós-Guerra Fria, trazendo problemas tanto para americanos quanto para russos.

Outra variável fundamental para o comportamento dos Estados no novo cenário que é importante destacar é o petróleo. Muitos acontecimentos ocorridos desde os anos 1970 até o ano 2000 em relação ao petróleo e em como as nações que possuem grandes quantidades o administram. Agora que grande parte dos países possui um perfil capitalista, o preço do petróleo reflete nos índices econômicos dos membros da comunidade internacional e influencia suas decisões políticas. É uma situação delicada, pois alguns dos grandes produtores de petróleo são países localizados no Oriente Médio, como Irã, Arábia Saudita e Iraque, que possuem convicções religiosas muito rígidas e certa antipatia pelo Ocidente. Esse ponto será explicado mais adiante.

Esses fatores que foram citados até aqui, os avanços da comunicação, diferenças religiosas e a relativa dependência dos Estados ao petróleo são variáveis importantes para a análise dos quatro momentos que serão estudados a partir de agora.

¹³⁷ PECEQUILO, op. cit., p.149

¹³⁸ LAFEBER, op. cit., p.384

3.1. Guerra do Golfo.

A Guerra do Golfo foi um conflito armado localizado na região do golfo pérsico, quando o ditador Saddam Hussein invadiu seu vizinho Kuwait. O líder iraquiano construiu um estreito relacionamento com Washington a partir de 1968, quando assumiu o poder do Iraque por meio de um golpe militar.¹³⁹ Relacionamento, contudo, foi repleto de altos e baixos: quando foi colocado um fim no relacionamento entre EUA e Irã pela revolução de 1978, Reagan se aproximou bastante de Saddam e até condenou o ataque de Israel de 1981 que destruiu os planos do ditador para desenvolver armas nucleares. Nessa mesma época, o governo Reagan enviou ao Iraque “informações ultra-secretas” que os ajudou a construir armas químicas e biológicas, arsenal que mais tarde, em 2003, se tornou a razão dos EUA em derrubar Saddam do poder.¹⁴⁰

Por mais que tenham apoiado Saddam em seu conflito contra o Irã, os americanos não concordavam com as políticas domésticas e exteriores do iraquiano. Era um líder que havia pessoalmente executado oponentes políticos e pendurado seus corpos em áreas públicas, que usava armas químicas tanto em seus inimigos quanto em seu próprio povo que se opunha a ele, ameaçava publicamente Israel (o maior aliado dos EUA naquela região) e ordenou que milhares de iraquianos morressem em ataques suicidas ao Irã. A “sorte” de Saddam foi que os Estados Unidos consideravam os iranianos como seus inimigos número um, e não o Iraque.

Saddam atacou o Kuwait por diversos motivos. Odiava a delimitação da fronteira entre os dois países (que foi imposta pelo império britânico em 1922); detestava a concorrência do petróleo barato dos kuwaitianos contra o seu petróleo mais caro; estava dedicado em dominar o mundo árabe e achava que a comunidade internacional não iria dar atenção a invasão, que não iriam responder.¹⁴¹ Por um lado estava certo a respeito dos americanos. Bush disse ao Congresso que não queria se envolver nesse conflito, pois o Kuwait sempre fora pró-Soviético e anti-Israel por toda a Guerra Fria e Saddam não era uma de suas pessoas favoritas. No entanto, sua opinião mudou por influência de Margaret Thatcher que, por coincidência, estava em um encontro com o líder americano no Colorado no dia da invasão e lembrou que tanto Londres quanto Washington tinham milhões de dólares investidos no petróleo kuwaitiano. Ambos chegaram à conclusão que se a invasão de Saddam fosse bem sucedida e controlasse essa enorme

¹³⁹ LAFEBER, op. cit., p.361

¹⁴⁰ Idem, p.362

¹⁴¹ Idem, p.361

quantidade de petróleo, a economia do mundo perderia o controle e a nova ordem mundial estaria em risco.¹⁴²

Com a aprovação do congresso, Bush conseguiu autorização para utilizar todos os recursos disponíveis para enfrentá-los. Em 27 de fevereiro de 1991, o general Colin Powell ordenou as forças americanas e das Nações Unidas a botarem em prática a “*Operation Desert Storm*”, que em apenas 100 horas libertou o Kuwait da ocupação iraquiana e ocupou a região sul da nação de Saddam.¹⁴³

Nesse meio tempo o líder Gorbatchev, que até então ainda estava no comando da URSS, havia apoiado a ação americana ao contrário de seu exército. O homem de Estado soviético parecia querer evitar qualquer tipo de conflito, investindo em sua nova imagem da “*gorby fever*” que prezava pela paz. Mas seu exército, que além de ter treinado e equipado os iraquianos, acabou apoiando Saddam até o fim. Esse foi um dos fatores que colaborou com a queda de Gorbatchev do poder, pois os soldados treinados pelo exército vermelho sofreram uma vergonhosa derrota no Iraque ao mesmo tempo em que o homem de Estado retirava outras frentes dos países membros do Pacto de Varsóvia e em que a Alemanha estava sendo unificada. A vergonha dessas três derrotas foi o que bastou para oficiais militares se aproximarem de civis frustrados que queriam se livrar de Gorbatchev.¹⁴⁴

Já os estadunidenses estavam relativamente satisfeitos com o resultado do conflito. Os números estatísticos apontavam uma grande vantagem a eles: 146 americanos mortos contra 100.000 fatalidades iraquianas, muitos deles civis.¹⁴⁵ Não estavam completamente satisfeitos porque seus principais objetivos não foram alcançados. Como estabilizador da nova ordem mundial, Bush esperava ser capaz de prever e bolar uma estratégia eficiente. Tudo o que ele e Powell conseguiram foi a libertação do Kuwait, pois a diplomacia americana falhou em prever a invasão, impedir a mesma e, principalmente, remover a causa do problema: Saddam.¹⁴⁶ Bush esperava que o ditador se retirasse do poder após a derrota ou que seu próprio povo o derrubasse, mas não foi o que ocorreu. Saddam só vai ser retirado do governo na administração do filho de Bush, 12 anos mais tarde.

¹⁴² LAFEBER, op. cit., p.363

¹⁴³ Idem, p.363

¹⁴⁴ Idem, p.364

¹⁴⁵ Idem, p.364

¹⁴⁶ Idem, p.364

3.1.1 Análise do momento.

No momento Guerra do Golfo existem três personagens importantes que colaboraram para o desenrolar dos fatos. Saddam Hussein, George H. W. Bush e Margaret Thatcher formam esse grupo.

Bush e Thatcher, líderes respectivamente de Estados Unidos e Inglaterra, devido ao longo relacionamento histórico que passa por períodos de colonização, conflito e cooperação entre suas nações, fazem parte de um grupo real muito específico. Geralmente os líderes desses dois países tendem, por princípio solidificado, a priorizar a cooperação tomando para si os mesmos objetivos.

Margaret Thatcher tinha um objetivo e o conquistou por meio da persuasão. Em um encontro com Bush no Colorado, disse chamando-o pelo primeiro nome¹⁴⁷ que os dois não poderiam permitir que Saddam, um homem de Estado completamente diferente deles em relação a seus métodos de governo e valores ideológicos, pudesse tomar medidas radicais de cunho internacional que poderiam de alguma forma prejudicá-los. Abusando da confiança do americano em seu julgamento e aproveitando que o outro grande líder influenciador (Gorbachev) estava mais preocupado em evitar conflitos a assumir uma posição política mais firme, Thatcher conseguiu deter Saddam por meio de Bush, que acabou conquistando satisfatórios resultados com o conflito, pois o Kuwait foi libertado e seus exércitos sofreram poucas baixas.

Bush, por sua vez, não perdeu seu tempo tentando negociar ou persuadir o homem de Estado iraquiano, pois não pertencem ao mesmo grupo real. Por mais que Saddam tenha lutado na guerra Irã-Iraque com a devida aprovação americana, não havia um relacionamento de confiança entre eles, não possuíam uma imagem boa um do outro. O estadunidense então partiu direto para o uso da violência, usando praticamente tudo o que estava a sua disposição como meio para derrotá-lo. Avaliou os riscos e interpretou que se tratava de um risco menor, onde apenas algumas poucas vidas (de seus compatriotas) entrariam em risco. Para ele, não se envolver no conflito significaria arriscar a estabilidade do sistema internacional, o que era muito pior.

Em respeito do equilíbrio de poder é possível observar que nesse momento foi utilizado o padrão da competição. O Iraque começou a aplicar uma política imperialista ao Kuwait de forma a alterar sua política externa e dominar sua população. Os EUA, na posição de país mais forte, impediram que o Kuwait perdesse sua independência e que os planos da nação imperialista se concretizassem. O Iraque, pelo menos até o ano 2008, não realizou nenhuma tentativa de invadir

¹⁴⁷ LAFEBER, op. cit., p.363

os vizinhos kwaitianos mais uma vez. A União Soviética, ocupada com suas crises internas, manteve-se fora dessa situação.

A questão da imagem permite avaliar diferentes pontos de vista, um mais diferente que o outro. Do ponto de vista de Saddam Hussein, o Kuwait representava uma ameaça tanto à economia quanto à soberania iraquiana devido ao seu petróleo mais barato e sua diferente convicção religiosa. Como ainda estava se recuperando do confronto com o Irã, o dado econômico pesou na sua decisão de invadir, criando a ilusão de que esse seria o caminho mais rápido para resolver seus problemas—sendo que acreditava que a comunidade internacional não daria atenção a sua manobra. Estava certo em relação a URSS, mas errou em relação aos EUA.

Os Estados Unidos criaram uma imagem diferente. Quando investiu em Saddam durante os anos 1980 devido ao conflito com o Irã, Reagan queria mesmo era mantê-lo longe da influência soviética, para não se transformar em um problema maior no futuro.¹⁴⁸ Mas no momento estudado, George H. W. Bush nunca identificou Saddam como uma vítima das circunstâncias e que a invasão a nação Kwaitiana foi a sua 'única saída'. Após seu encontro com Margaret Thatcher, chegou à conclusão que se não se envolvesse no conflito, o prejudicado seria seu próprio Estado, o de Thatcher e toda a nova ordem mundial. Avaliou os riscos, recebeu apoio tanto do Congresso quanto da aliada Inglaterra e resolveu seguir seu próprio julgamento, por seus próprios meios. Assumiu a identidade de Saddam como a de um homem perigoso que colocava em risco a integridade de uma pequena nação soberana para resolver seus problemas e conquistar seus objetivos, colocando em risco o equilíbrio de poder e a segurança dos demais membros da comunidade internacional.

É possível dizer, então, que esse não foi um momento de distanciamento entre EUA e Rússia. Mas ao mesmo tempo, também não foi exatamente um momento de cooperação já que Gorbachev estava mais preocupado com questões domésticas e deixou claro que esse problema era exclusivo dos norte-americanos. Este foi apenas mais um momento da história em que cada um estava mais ocupado com seus problemas internos, como a economia, do que com os dos outros.

3.2. Expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)

¹⁴⁸ LAFEBER, op. cit., p.362

OTAN é uma organização originada logo após o término da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1949. Esse item tem como objetivo estudar como ela foi relevante para o período pós-Guerra Fria e como os líderes do governo dos dois países se relacionaram por meio dela (aproximando-se ou se distanciando). O período estudado começa em 1994 e termina por volta de 2003, tempo em que os dois Estados passam pelo poder de dois presidentes com perfis totalmente diferentes.

A OTAN foi um pacto ratificado pelo senado americano em 1949 junto a outras onze nações (Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Portugal, Grã-Bretanha e Benelux – Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo) que determinava que, com base do artigo 5, *“The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all.”*¹⁴⁹ Isso significa que os países-membros possuíam a obrigatoriedade de enfrentar qualquer um que atacasse algum signatário do tratado. Sendo assim, os Estados Unidos articularam um bom sistema de alianças contra a União Soviética, que respondeu com a criação do Pacto de Varsóvia, seu próprio sistema de alianças. Esses dois pactos colaboraram para a manutenção do equilíbrio de poder durante a Guerra Fria, impedindo que qualquer ataque a esmo ocorresse, já que se um país membro de algum dos blocos atacasse um membro do outro, a probabilidade de estourar uma terceira guerra mundial era enorme. O conflito mundial era um risco real encarado por ambos.

Mas o cenário internacional, como já foi dito anteriormente, mudou com o final da Guerra Fria. O momento que está sendo estudado conta com a presença de um novo ator importante para essa situação da OTAN: William “Bill” Clinton. Clinton foi o primeiro presidente democrata em anos a chegar ao poder, foi o primeiro presidente americano a visitar o Vietnã, aplicou a *Clinton Doctrine* voltada para os direitos humanos e o único, até então, que deixou o poder manchado por um escândalo sexual com uma estagiária da Casa Branca. A expansão da OTAN também foi um plano originado por ele, em resposta às iniciativas francesas em criar uma força militar multinacional independente das políticas norte-americanas.¹⁵⁰

Em 1994, com medo dessa estranha iniciativa dos franceses (que chamou atenção dentre os membros da comunidade europeia), Clinton rompeu a promessa que George H. W. Bush fizera a Gorbachev no período da reunificação alemã e resolveu expandir os limites da OTAN em direção à Rússia. Polónia, República Tcheca e Hungria tornaram-se os novos membros do tratado que manteve os pressupostos de defesa coletiva e preventiva, mas com novas missões e

¹⁴⁹ LAFEBER, op. cit., p.91

¹⁵⁰ Idem, p.383

prioridades.¹⁵¹ Os novos objetivos da organização eram: ampliar a esfera sem limites de ação para os interesses comuns de seus membros, prevenção e administração dos conflitos regionais e combate à proliferação de armas de destruição em massa e terrorismo. Nas palavras de Cristina Pecequilo:

A OTAN assumiu um papel bastante amplo, havendo a possibilidade de que suas ações se projetassem extracontinentalmente, ampliando-se o seu leque de prioridades e de suas preocupações estratégicas. Para alguns, o rumo que tomou a reformulação do conceito estratégico indica que os Estados Unidos pareciam dispostos a tornar a OTAN um fórum preferencial de decisões e ações em detrimento das Nações Unidas. (mas) dificilmente os demais Estados aceitariam as resoluções da OTAN, não lhe conferindo a mesma legitimidade que a ONU.¹⁵²

Segundo LaFeber, um outro objetivo dessa medida expansionista realizada pelo presidente Clinton era continuar com a proposta dos anos 40 em conter duplamente o poder alemão e o poder russo. Os alemães, agora integrantes da organização, eram obrigados a manter a última postura como “bons cidadãos” e os russos se viam encurralados por barreiras militares por toda sua fronteira oeste.¹⁵³

Quando a expansão começou, os oficiais russos da época identificaram a movimentação da OTAN não como uma tentativa de aproximação americana, mas como uma ameaça militar direta e como uma quebra da promessa feita nos primórdios dos anos 90 por H. W. Bush.¹⁵⁴ Clinton demonstrou interesse em integrar também os Países Bálticos, região que sempre fora de interesse russo e que só despertou mais tensões entre os dois países.

A expansão foi um assunto de debates desde 1994 com a iniciativa Clinton até 2001 entre dois novos líderes da política internacional, Vladimir Putin e George W. Bush. 2001 foi um ano interessante porque os dois países demonstravam incrível tolerância com o outro, o que resultou em um dos períodos de maior cooperação entre eles. Também foi nesse ano que o assunto foi abordado pela primeira vez de forma mais “tranquila” pelos homens de Estado, que chegaram a um acordo histórico quando foi determinado que, pela primeira vez desde a criação da organização em 1949, a expansão continuaria seguindo a direção leste, contanto que a Rússia participasse formalmente de discussões de temas políticos (como terrorismo), mas nunca de assuntos como políticas militares.¹⁵⁵

3.2.1 Análise do momento

¹⁵¹ PECEQUILO, op. cit., p.332

¹⁵² Idem, p.332

¹⁵³ LAFEBER, op. cit., p.384

¹⁵⁴ Idem, p.383

¹⁵⁵ Idem, p.439

Em relação à expansão dos domínios da OTAN, seis atores foram importantes para suas negociações. Três deles foram americanos (George H. W. Bush, Bill Clinton e George W. Bush) e três russos (Mikhail Gorbatchev, Boris Yeltsin e Vladimir Putin). Os primeiros de cada Estado já foram devidamente explicados no capítulo anterior a respeito da unificação alemã. A análise será feita a respeito dos últimos quatro líderes.

A relação de Clinton e Yeltsin não era das melhores. Yeltsin nunca conseguiu quebrar a imagem de bebado e “indiscreto” com as mulheres que os americanos criaram ao longo do tempo. Quando o democrata começou sua política de expansão, o líder Yeltsin, mais velho, experiente e com lembranças recentes da Guerra Fria, interpretou a imagem das negociações americanas com a República Tcheca, Hungria e principalmente a Polónia como uma forma de ataque à área de influência da nação russa, deixando claro que os objetivos do novo presidente americano eram firmar cada vez mais o poder estadunidense no leste europeu – mesmo que para isso tenha entrar em conflito com os russos.

Esse ambiente incerto e conflitante, de certa forma constante nas relações entre os dois países, começou a mudar em 2001 com dois novos presidentes, Bush e Putin. O novo líder russo havia sido um oficial da KGB que coordenava o setor de espionagem durante a Guerra Fria e ganhou fama de “Bruce Willis russo” por ser um excelente lutador de judô.¹⁵⁶ Ele não tinha absolutamente nada a ver com Yeltsin, começando pela aparência saudável e pela postura de homem forte que faz o que julga necessário fazer. Já o americano ganhou as eleições porque as pessoas acreditavam em sua experiência tanto como governador do Texas, quanto como filho de um ex-presidente.

Quando se conheceram logo após Bush ganhar as eleições, os dois tiveram uma boa primeira impressão um do outro. A impressão foi tão boa que levou Bush a dizer publicamente que conseguiu ver na alma de Putin um “*honest, straightforward man... who loves his family*”.¹⁵⁷ Os dois ensaiaram uma bela aproximação entre as duas nações, relação essa inédita no período pós-Guerra Fria e que trouxe bons frutos para as negociações com a OTAN. Putin conseguiu o que queria, que era ser incluído nos debates políticos junto aos demais membros da organização, o que o fez ganhar credibilidade e se aproximar dos demais líderes europeus de forma mais amigável. O clima tranquilo que pairava entre os dois fez com que esse período de negociações a respeito da OTAN fosse o menos tenso em muitos anos, fazendo até com que Putin

¹⁵⁶ LAFEBER, op. cit., p.395

¹⁵⁷ Idem, p.436

fosse o primeiro a ligar para oferecer assistência aos norte-americanos quando o ataque terrorista ao *World Trade Center* ocorreu.¹⁵⁸

Esse período de cooperação entre os dois Estados não durou muito. Suas relações foram abaladas pelo desencadear dos eventos que ocorreram em 2003, onde os líderes tinham diferentes posicionamentos a respeito do terrorismo.

As relações entre esses seis homens de Estado não foram das melhores. O único período diplomaticamente bom entre os dois países foi de 2001 a 2002 quando ainda era discutida a questão da OTAN e quando Putin apoiou o bombardeio americano ao Afeganistão para encontrar o responsabilizado pela queda do *World Trade Center*, Bin Laden. Em troca, e isso foi muito bem negociado por Putin, Bush não se intrometeria na sua conturbada situação na Tchetchênia.¹⁵⁹ É possível dizer que o objetivo de ambos os líderes era praticamente o mesmo: impedir que o outro se intrometesse na forma em que lidava com assuntos de cunho internacional mal-resolvidos (e relativamente pequenos). Para isso, utilizaram-se da negociação como meio de abordar o assunto e viram que os riscos para conquistar tal objetivo eram quase nulos, pois trariam benefícios para a diplomacia entre os dois países, fazendo-os cooperar, por mais que seja somente por um breve período da história.

É possível separar em duas fases as negociações para a ampliação da OTAN. A primeira, em 1994, gerou tensões no lado russo, fazendo com que a expansão fosse interpretada como uma ameaça, como uma forma de intimidação da força estadunidense. Mesmo assim, os dois países não entraram em confronto direto, conseguiram se resolver utilizando canais diplomáticos. A segunda fase foi a de cooperação, em que os homens de Estado priorizaram o diálogo e a negociação em vez de tomarem medidas mais drásticas, como movimentação de exércitos. Tanto os EUA quanto a Rússia perceberam que esse momento não precisava ser compreendido como uma ameaça e sim como uma chance para se aproximarem e crescerem diplomaticamente. Em ambas as fases o poder dos dois Estados permaneceu equilibrado, mostrando ser possível os dois países se relacionarem por outros motivos além da disputa por zonas de influências.

Não é possível, então, determinar que a ampliação da área de atuação da OTAN resultou somente em um distanciamento ou somente em uma aproximação entre as duas nações. Entre 1994 e 2002 os dois países passaram pelas duas situações e mudaram suas interpretações dos fatos devido à mudança do líder. Diferente do momento anterior, onde foi possível observar um comportamento neutro, na expansão da OTAN pode-se perceber os dois comportamentos, de aproximação e distanciamento, ao longo do tempo.

¹⁵⁸ LAFEBER, op. cit, p.415

¹⁵⁹ Idem, p.437

3.3. A Guerra do Iraque

Para entender exatamente o que foi a Guerra do Iraque e como os EUA e a Rússia se relacionaram perante ela é necessário voltar um pouco no tempo e explicar as circunstâncias que levaram esse conflito a acontecer. Também é importante lembrar os pontos que foram expostos no início desse capítulo a respeito dos novos componentes do cenário internacional.

Antes de tudo é necessário lembrar da invasão soviética ao Afeganistão, que começou em 1979 e terminou com a retirada do Exército Vermelho em 1989. Osama Bin Laden, aos seus vinte e dois anos, deixou a Arábia Saudita para se juntar a outros muçulmanos na resistência a invasores soviéticos. Quando a URSS retirou seus soldados, Bin Laden voltou-se contra a outra superpotência, os Estados Unidos. Acreditava que o colapso da URSS fez com que os americanos ficassem cheios de si e se proclamassem os “mestres” do mundo estabelecendo o que chamavam de Nova Ordem Mundial.¹⁶⁰ Acabou tendo seu sentimento anti-americano alimentado pela Guerra do Golfo e conquistou o respeito de muçulmanos ao redor do mundo por dizer a quem quisesse escutar que os EUA profanaram o centro da religião islâmica.¹⁶¹ Seu fanatismo por ideias anti-ocidentais aumentaram a ponto de fazer com que líderes sauditas o expulsassem do país em 1991.

O fato de os estadunidenses terem ganhado a Guerra Fria fez com que ficassem displicentes em relação a esses pequenos países do Oriente Médio, não os ajudando com assistência médica e buscando um bom relacionamento somente quando o assunto tinha relação a petróleo. Esse descaso em atenção a uma área que foi devastada pela Guerra Fria fez com que Bin Laden e os membros do Al Qaeda realizassem uma série de ataques a patrimônios americanos, como embaixadas na África (244 pessoas morreram) e ao navio de guerra USS Cole que se encontrava no Yemen, ambos em 1998.¹⁶² Em 11 de setembro de 2001 o alvo foi um tanto maior, assim como as consequências para os norte-americanos e para a comunidade internacional com um todo.

O líder do Estado americano na época era George W. Bush. O presidente e sua administração, logo no início de 2001, ficaram conhecidos como “neoconservadores”. Esses neoconservadores eram uma corrente formada pelo atual presidente e remanescentes de outras administrações que tinham uma ideia muito específica de como se governa uma superpotência como os Estados Unidos da América.

¹⁶⁰ LAFEBER, op. cit. p.405

¹⁶¹ Idem, p.407

¹⁶² Idem, p.403

(Dick) Cheney, (Condoleezza) Rice e (Donald) Rumsfeld defendiam a agenda de Internacionalismo empregada por Bush. Denominados de falcões neoconservadores, esses nomes representavam a linha estratégica dominante, centralizando decisões nos Departamento de Defesa e no Conselho de Segurança Nacional. (...) possuem uma visão minimalista do poder norte-americano e de sua forma de exercício, encarando a força como o componente essencial da hegemonia.¹⁶³

Os americanos e os neoconservadores não estavam preparados para o choque de dois aviões contra as duas torres do *World Trade Center*, em Nova Iorque e para o avião que colidiu contra o Pentágono, em Washington. Ataques terroristas ao redor do mundo era uma coisa, mas ser atingido em seu próprio território era outra completamente diferente. Bush e seus administradores pareciam encontrar dificuldade em lidar com a ameaça vinda de uma entidade não-estatal, nesse caso, um grupo organizado chamado Al Qaeda.¹⁶⁴ Talvez essa tenha sido a principal seqüela da Guerra Fria: a incapacidade de determinar fisicamente seu alvo, que no caso da Al Qaeda era formada por “células” que podiam facilmente se deslocar por todas as partes do mundo sendo impossível apontar com o dedo a sua localização no mapa, como a Casa Branca, o Parlamento, etc.

No dia 12 de setembro, Bush fez um pronunciamento onde classificou o ataque terrorista como um ato de guerra. Mas essa era uma imagem nova em que o próprio Bush tinha dificuldade em interpretar. Uma guerra sem campos de batalha, sem invasão, cujos inimigos se encontram em vários países (incluindo dentro do próprio EUA) era uma situação no mínimo complexa. O líder estadunidense conseguiu confundir ainda mais a cabeça do cidadão americano quando, ao concluir seu discurso, não convocou a população a se juntar a ele na guerra contra o inimigo (como Truman fez em seu discurso de 1947 ao falar da Guerra Fria ao Congresso), mas estimulou o país a “go down to Disney World” e a gastar dinheiro nos diversos centros de compras.¹⁶⁵

Enquanto Bush dizia ao governo Talibã que controlava o Afeganistão para entregar Bin Laden “vivo ou morto”, Rumsfeld e Paul Wolfowitz começaram a discutir que o Iraque deveria ter alguma ligação com os ataques de 11 de setembro. Segundo LaFeber:

Rumsfeld and Wolfowitz, the two top Defense Department officials, began to argue that Iraq should have to pay, and heavily. No credible evidence emerged that al Qaeda was linked to Iraq’s Saddam Hussein. Al Qaeda was devoutly religious, while Saddam’s regime was secular, even as it ruled an Islamic country. In the 1980s and 1990s, Saddam had deeply mistrusted and even fought such religious groups. (...)

¹⁶³ PECEQUILO, op. cit., p.369

¹⁶⁴ LAFEBER, op. cit., p.411

¹⁶⁵ Idem, p.412

Saddam, (Wolfowitz) argued, had to be involved – even though U.S. intelligence reports clearly told Bush that Saddam was not connected to 9/11.¹⁶⁶

Ao mesmo tempo em que Rumsfeld e Wolfowitz (e mais tarde Rice) planejavam em como envolver o Iraque na história, Bush, com a devida aprovação dos russos e chineses, começou uma série de bombardeios e depois mandou um pequeno número de tropas para encontrar Bin Laden no Afeganistão (mais tarde descobriu-se que esse ‘pequeno número’ enviado para achar o terrorista era pequeno mesmo—havia mais policiais em Manhattan que no Afeganistão).¹⁶⁷

No dia 7 de outubro de 2001 as forças aéreas americana e britânica começaram a atacar o Afeganistão. Após o início dos ataques aéreos, de repente um vídeo é divulgado pela rede de televisão Al-Jazeera onde Bin Laden surge aparentando boa saúde enquanto discursa sobre como a ameaça ao mundo islâmico (os EUA) será completamente destruída por um grupo abençoado por Deus (o al Qaeda) e que, mais uma vez, o mundo estava dividido em dois: os fiéis e os infieis. Bush mais tarde seguiu essa mesma linha de raciocínio, quando convocou as demais nações para se juntarem aos americanos contra o terrorismo—dizendo também que “*either you are with us or you are against us*”.¹⁶⁸

Com a divulgação do vídeo, a Al-Jazeera se tornou uma das redes de telecomunicações mais influentes do mundo, alcançando uma audiência no Oriente Médio de 35 milhões de pessoas e lançando, na Europa e nos EUA, programas em língua inglesa que, geralmente, possuíam teor anti-ocidental.¹⁶⁹ Como os EUA são um país democrático que acredita na liberdade de expressão, nada puderam fazer para evitar o crescimento da Al-Jazeera. Não foram somente os americanos que se beneficiaram da tecnologia e globalização.

Quando decidiu que iria mesmo virar as atenções para o Iraque, Bush passou a definir o mundo com termos simplistas. Insistia que valores morais eram globalizados, descartou completamente a influência da relatividade cultural no julgamento das pessoas e dizia publicamente que a realidade possuía uma única verdade. Começou, após os atentados de 11 de setembro, a criar uma esfera de perigo iminente para os EUA fazendo com que todos tivessem a sensação de que os inimigos iriam atacar a qualquer momento e que o mundo não era mais tão seguro para os americanos. Adotando um discurso que convenceu a população e confundindo seus valores pessoais com os do Estado americano, Bush conseguiu articular os fatos de forma a moldar a sua própria realidade, capaz de colocar os EUA na posição de responsáveis em deter seus inimigos. Segundo LaFeber, “*for the president, his ‘own reality’ became a view of*

¹⁶⁶ LAFEBER, op. cit, p.413

¹⁶⁷ Idem, p.417

¹⁶⁸ Idem, p.416

¹⁶⁹ Idem, p.416

the world witch justified seeing it in black/white, good/evil, terms, and a view of Iraq witch justified war.¹⁷⁰

Apoiado por essa nova construção da realidade que o concedia ‘legitimidade’ para fazer o que bem entendesse contra o Iraque, Saddam e qualquer um que passasse por seu caminho, em 2002 Bush anunciou a existência de um ‘eixo do mal’ em que seus membros (Iraque, Índia e Coreia do Norte) eram os responsáveis por tudo o que há de ruim no mundo. Em julho desse mesmo ano, o líder americano se viu obrigado a remover Saddam, um homem que, segundo sua interpretação, era uma das grandes ameaças para a paz e a ordem mundial. Para isso teve que procurar uma justificativa plausível para a invasão, porque aparentemente somente seu discurso não foi o suficiente para convencer os demais membros da comunidade internacional. Em 2003, contra vontade, Colin Powell apresentou dramaticamente perante as Nações Unidas as ‘provas’ que determinavam que Saddam estava produzindo armas de destruição em massa (WMD) e que a inteligência americana descobriu onde elas estavam escondidas.¹⁷¹

Quando o assunto chegou às Nações Unidas o relacionamento entre Putin e Bush já não era aquele marcado pela cooperação durante as negociações da OTAN. A Rússia e a França realmente acreditavam que o time de inspetores da ONU havia destruído todas as WMD nos anos 1990 (crença que mais tarde foi comprovada) e ameaçavam vetar a medida a favor da guerra caso ela chegasse ao Conselho de Segurança.¹⁷² Outro motivo que os faziam ser contra a iniciativa é que ambos haviam assinado com Saddam contratos milionários relativos à compra de petróleo. Ter o Iraque invadido resultaria em um prejuízo imensurável para Putin e Jacques Chirac. Um terceiro motivo para a falta de apoio russo é justificado pela aproximação que Putin realizou com o Iraque e Índia no final de 2001¹⁷³ em resposta a saída dos americanos do Tratado dos Mísseis Antibalísticos (que será devidamente explicado no próximo momento) permanecendo economicamente e militarmente próximo dessas duas nações apesar dos protestos americanos.

Os Estados Unidos pareciam contar somente com o apoio dos ingleses para a invasão, já que a China e a Alemanha já haviam expressado seu descontentamento a respeito logo quando Bush desviou a atenção de Bin Laden para Saddam. Mesmo tendo a comunidade internacional se posicionando ou contra a invasão ou a favor de buscas mais rigorosas dos inspetores da ONU pelo Iraque, a aprovação da população estadunidense foi o suficiente para levar Bush à guerra. Com mais de 70% do povo norte-americano apoiando o conflito mesmo sem um

¹⁷⁰ LAFEBER, op. cit., p.420

¹⁷¹ Idem, p.425

¹⁷² Idem, p.425

¹⁷³ LAFEBER, op. cit., p.440

mandato da ONU,¹⁷⁴ Bush liderou a “*Coalition of the Willing*” e atacou na noite do dia 19 de março de 2003. Depois de apenas duas semanas os militares iraquianos foram liquidados.¹⁷⁵

Em setembro de 2003, dois anos após os ataques terroristas em Nova Iorque e Washington e seis meses após a invasão, o homem de Estado americano finalmente teve que admitir que não havia comprovação do envolvimento de Saddam Hussein nos atentados do 11 de setembro.¹⁷⁶ Nos primeiros três anos de conflito, a resistência iraquiana afirmou ter tirado a vida de 2500 soldados americanos, número que foi superado pelas milhares de baixas iraquianas, tanto militares quanto civis. As armas de destruição em massa nunca foram encontradas. Em 2006, quando todos os trinta e cinco aliados há um tempo já tinham começado o processo de retirada de suas tropas, os americanos e britânicos continuavam a lutar e a lucrar com a reconstrução iraquiana. Bush começou a perder apoio da população durante seu segundo mandato. Aparentemente a realidade criada pelos neoconservadores não podia mais controlar a opinião pública, que resultou na queda de sua popularidade e no surgimento de movimentos sociais anti-americanos por todo o mundo.

3.3.1 Análise do momento

Existem vários personagens importantes na Guerra do Iraque. O primeiro deles é Osama Bin Laden (que não é exatamente “líder” no sentido de homem de Estado), o responsável por diversos ataques terroristas contra patrimônios americanos ao redor do mundo, que teve a responsabilidade por seu ataque as torres gêmeas transferida por George W. Bush e seus subordinados neoconservadores para Saddam Hussein, o governante de um país abalado economicamente e que vivia em relativa paz com seus vizinhos. Tony Blair, o primeiro-ministro inglês, Vladimir Putin e Jacques Chirac também são atores importantes no desenrolar dos acontecimentos.

George W. Bush é, indiscutivelmente, o ator mais importante desse momento. Quando chegou ao poder em 2001, nomeou rapidamente aqueles que participariam de sua gestão, criando assim um grupo real muito bem selecionado em que seus membros estavam em posições privilegiadas dentro do governo e possuíam basicamente o mesmo raciocínio lógico. Eram conhecidos como os neoconservadores, uma nova corrente que se iniciou dentro do partido republicano.

O homem de Estado, quando percebeu que se encontrava em uma situação que fugia de seu controle, resolveu tentar transformar o significado dos fatos em uma realidade mais

¹⁷⁴ PECEQUILO, op. cit., p.405

¹⁷⁵ LAFEBER, op. cit., p.426

¹⁷⁶ Idem, p.426

conveniente para seu governo. Conseguiu, transformando um período de relativa paz do início de 2001 em um ambiente que estava a todo o momento sendo ameaçado por inimigos terríveis, como em 2003. A imagem dos EUA no mundo, de Saddam e Bin Laden foi alterada de forma muito audaciosa pela administração Bush, que com o passar do tempo, foi cada vez mais estendendo seus poderes dentro dos EUA—o Congresso e o povo americano pouco fizeram a respeito.¹⁷⁷

Bush, Blair e seus companheiros neoconservadores deixaram o terrorista Bin Laden escapar e ainda conseguiram invadir, prender e julgar o líder do Iraque, Saddam Hussein. E por mais que a comunidade internacional assumisse uma posição não favorável à invasão, o equilíbrio de poder acabou sendo modificado por parte dos americanos e britânicos, que assumiram uma política imperialista quando decidiram atacar o Iraque sem ter nenhuma evidência concreta tanto da sua participação nos ataques terroristas, quanto na produção de armas de destruição em massa. Conseguiram conquistar seus objetivos enquanto disfarçavam suas políticas intervencionistas de obrigatoriedade moral, como se estivessem fazendo um favor ao mundo dilacerando os iraquianos.

O relacionamento entre Bush e Putin nesse período foi muito conturbado. É difícil dizer se, devido ao bom relacionamento entre eles durante 2001/2002, Bush esperava que o russo o apoiasse na invasão do Iraque. Putin não teve nada contra o governo americano enviar tropas ao Afeganistão para encontrar Bin Laden. Afinal, ele era um terrorista que há anos vinha atacando entidades americanas e tirou muitas vidas nos atentados de 11 de setembro. Mas tentar ligar tudo a Saddam Hussein, há no Iraque, não fazia sentido. Putin, da mesma forma que a França e a China depois expressaram, tinha a imagem de que essa liberdade americana em “criar a sua própria realidade” era uma política de dominação territorial. Talvez, se ninguém da comunidade internacional tivesse se pronunciado contra as políticas exteriores da administração Bush, não só o Iraque, mas o Irã, a Coreia do Norte e até mesmo a Rússia já teriam sido invadidas.

As forças sociais estiveram presentes nesse momento desde que Bush começou a desviar o debate sobre o terrorismo para a situação do Iraque. Por mais que grande parte da população dos EUA tenha apoiado a invasão devido ao medo que tinha de mais ataques, uma pequena parcela da população, basicamente formada por estudantes universitários e pessoas bem instruídas, sempre se mostrou contra as políticas expansionistas americanas e, com o passar do tempo, foram ganhando mais adeptos. Em 2004 foram organizadas passeatas nas grandes capitais do mundo, mostrando que não era só a população americana que tinha uma opinião sobre o assunto.

¹⁷⁷ LAFEBER, op. cit., p.413

Atualmente a popularidade de George W. Bush alcançou níveis recordes de rejeição, deixando a corrida pela presidência da Casa Branca esperançosa para o candidato democrata, Barack Obama.

Então, a Guerra do Iraque, diferente dos momentos anteriores, pode ser determinado como um período de afastamento das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Federação Russa. Os dois líderes seguiram seus julgamentos, avaliaram os riscos envolvidos e aplicaram suas políticas, que acabaram por decidir de forma totalmente diferente. O melhor exemplo dessa divergência foi a ameaça russa em utilizar o poder de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas caso a invasão do Iraque tornasse pauta de discussões. Putin estava disposto a deter a politicagem fantasiosa de Bush.

Em momento algum os dois líderes se agrediram a ponto de um ameaçar o outro publicamente com risco de guerra, mas deixaram claro que suas políticas internacionais só serviram para intensificar as tensões existentes entre as duas nações, fazendo com que a história de suas relações internacionais ficasse marcada, mais uma vez, pela divergência de opiniões.

3.4. Escudo de Mísseis

O último momento que será estudado nesta monografia trata do impasse a respeito do escudo de mísseis. Por mais que a ideia tenha sido pela primeira vez discutida por Ronald Reagan em 1983, foi no período Bush-Putin que os debates se intensificaram, tornando essa crise a mais recente na história das relações diplomáticas entre esses dois países e que ainda não alcançou uma conclusão.

Reagan nunca entendeu direito a lógica da corrida armamentista da Guerra Fria. Não fazia sentido os dois mais poderosos Estados disputar entre si quem tinha maior quantidade de armas capazes de destruir o mundo. Prevvia que dessa forma, ambos apontariam suas armas para o outro indefinidamente, só esperando que o rival cometa um pequeno deslize que justificaria apertar o botão vermelho e destruir metade do planeta. Valeria a pena viver em uma sociedade em que o mundo pode acabar a qualquer momento?

Foi daí que em março de 1983, durante um discurso transmitido em cadeia nacional, Reagan perguntou “E se (...) nós pudéssemos interceptar e destruir mísseis balísticos estratégicos antes de atingirem nosso território ou de nossos aliados?”¹⁷⁸ A resposta a essa pergunta era simples naquela época: essa proteção não poderia existir, pois o que equilibrava as relações de poder entre Estados Unidos e União Soviética era justamente o poder de destruição. Se qualquer um dos

¹⁷⁸ GADDIS, op. cit., p.217

lados tivesse criado uma forma de proteção de mísseis, o equilíbrio seria abalado e um dos dois Estados poderia ser destruído.

Quando foi eleito em 2000, George W. Bush se fez essa mesma pergunta. Mas diferente de Reagan, não encontrou uma resposta que justificasse a não utilização desse interceptor. O equilíbrio de poder não era mais dependente da corrida armamentista como foi durante a Guerra Fria e o “eixo do mal” representava uma ameaça em que todos os métodos de defesa se tornaram válidos. Ficou determinado, então, em construir a *National Missile Defense* (NMD) que seria apontado para países como Coreia do Norte e Irã.

Inicialmente, os países da Europa, China e Rússia não questionaram essa iniciativa. Os russos principalmente, pois em 2000 se negaram a redefinir questões relacionadas ao Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (TMA), um tratado que fora assinado por Nixon em 1972 para o controle de armas nucleares que tinha como objetivo “*bans space-based defensive missile systems and limits the United States and the Soviet Union to one ground-based defensive missile site each*.”¹⁷⁹ Ou seja, por mais que os EUA tivessem a tecnologia necessária para deter um suposto ataque, o tratado assinado em 1972 proibia essa defesa contra mísseis de longo alcance.

Os problemas começaram quando o presidente Bush resolveu se livrar do TMA a todo custo para começar a construir um escudo antimísseis de última geração em volta dos Estados Unidos. Rússia e, especialmente, China viam essa estratégia americana como uma séria ameaça para seus sistemas nucleares. Em dezembro de 2001, Bush anunciou que os EUA iriam se retirar do tratado de 1972 justamente para testar o sistema do escudo. Inicialmente Putin respondeu moderadamente, dizendo que considerava tal atitude um erro e que não deveria existir um “vácuo legal” no ramo da estabilidade estratégica,¹⁸⁰ comentário que não fez a menor diferença para Bush.

A crise começou a se intensificar quando o líder americano, ao mesmo tempo em que se retirava do TMA, deu a ordem para seus militares instalarem bases ao longo da fronteira russa.¹⁸¹ Esse acontecimento mexeu com os nervos do líder russo, que resolveu não só assinar um contrato milionário de negociação de armas com o Irã, como também se aproximou de Saddam econômica e militarmente (como já foi dito anteriormente no momento Guerra do Iraque). Um outro fator que preocupou Putin foi a criação de bases militares permanentes nos novos Estados que surgiram com extinção da União Soviética, mais especificamente no Cazaquistão,

¹⁷⁹ LAFEBER, op. cit., p.368

¹⁸⁰ Idem, p.439

¹⁸¹ LAFEBER, op. cit., p.440

Turcomenistão e Uzbequistão¹⁸² entre 2002 e 2004. Agora que essas três nações não se encontravam mais na zona de influência russa, países como a Geórgia e a Ucrânia se tornaram alvo de disputa de localização estratégica entre Putin e Bush, que até final de 2004 transformaram sua amigável relação do início de 2001 em uma grande competição¹⁸³

O escudo de mísseis voltou a ser assunto entre os dois líderes na última viagem de Vladimir Putin aos EUA como presidente da Federação Russa, em 2007. Putin, ao descobrir que Bush pretendia ampliar a tecnologia do escudo de mísseis para alguns países da Europa, resolveu tentar, em um de seus últimos atos como presidente, melhorar as relações diplomáticas entre os dois Estados, que nunca estiveram tão ruins desde a Guerra Fria.¹⁸⁴

Bush anunciou em janeiro de 2007 que a República Tcheca e a Polónia seriam sedes de um novo sistema de defesa de antimísseis. Putin, anunciou mais tarde, tinha certeza absoluta que esse sistema de defesa estava todo apontado para a Rússia e não para países que fazem parte do chamado “eixo do mal”, como o Irã.¹⁸⁵ Tentou fazer Bush mudar de ideia persuadindo-o a utilizar estações já construídas no Azerbaijão e talvez com o apoio da OTAN (o que no fundo significava que não seria mais necessário construir mais nenhuma base na Europa). Não deu certo. A visita de Putin e a rodada de discussões que eles tiveram um mês antes durante a visita à Alemanha também não foi muito produtiva. Não chegaram a nenhuma conclusão sobre o assunto.

Em abril de 2008 foi a vez do chefe de Estado americano fazer a sua visita ao país de Putin. Essa foi a reunião de despedida dos dois homens de Estado e o novo presidente eleito democraticamente, Dmitri Medvedev, estava presente durante as discussões.

Mais uma vez o encontro não chegou a nenhuma conclusão sobre o impasse. Quem sabe na próxima reunião entre Dmitri Medvedev e o governante norte-americano que sucederá George W. Bush na Casa Branca, alguma solução poderá ser encontrada.

3.4.1 Análise do Momento

A criação do escudo de mísseis foi uma situação marcante do relacionamento entre Estados Unidos e Rússia no pós-Guerra Fria. Por mais que a Guerra do Iraque e a ampliação da OTAN também tenham ocorrido nesse período, as raízes do escudo se originam na Guerra Fria onde a sua aplicação acabaria com o equilíbrio de poder que havia na época. Os principais (e únicos) atores que participaram dos eventos foram os dois homens de Estado, cada um com sua forma

¹⁸² Idem, p.443

¹⁸³ Idem, p.444

¹⁸⁴ BAKER, Peter. Putin Proposes Broader Cooperation on Missile Defence. *WashingtonPost.com*. Kennebunkport, July 2 2008, Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/07/02/AR2007070200131.html?sub=AR>. Acesso: 13 de junho de 2008

¹⁸⁵ MURTA, Andrea. Escudo Antimísseis dos EUA na Europa pode vir a deter armas russas. *Folha Online*. São Paulo, 5 de maio de 2007, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u107057.shtml>. Acesso: 13 de junho de 2008

de lidar com diferentes situações. Vladimir Putin é um homem forte, seguro de si. Estava disposto a se entender com Bush, mas nunca a abaixar a cabeça para ele. Já o americano se escondia por trás de uma equipe competente e deixava transparecer a falsa impressão de que como sua atenção estava direcionada a situação no Iraque, os outros assuntos não eram tão relevantes.

Os dois homens que inicialmente se entenderam e chegaram a cooperar por um breve período de tempo, não conseguiram chegar a nenhuma conclusão a respeito dos benefícios do escudo para a comunidade internacional como um todo. Cada movimentação de exércitos ou aproximação ocidental a algum Estado do leste europeu tinha sua imagem interpretada como uma provável ameaça pelo líder russo, que tentou a todo custo persuadir seu oponente a mudar seus planos. Não foi bem sucedido. Putin acreditava saber que as intenções dos americanos na verdade se tratavam em encurralar a Rússia trazendo para sua esfera de influências os pequenos e novos Estados.

Em 2002, ano em que o escudo realmente começou a significar um problema para a Rússia, o equilíbrio de poder era mantido de forma diferente, basicamente dependente ao relacionamento entre os líderes. De certa forma, o debate a respeito da ampliação do escudo colaborou para o equilíbrio de poder durante os anos 2000 evitando uma situação conflituosa entre eles.

CONCLUSÃO

O estudo das relações diplomáticas entre EUA e Rússia é importante para compreender a situação do atual cenário internacional. Seus períodos de conflitos e cooperação foram capazes de influenciar o curso dos acontecimentos desde o final da Segunda Guerra Mundial até hoje. É possível, agora que todos os fatos foram explicados e devidamente analisados, retomar a discussão proposta na fase introdutória do trabalho, quando foram expostos os problemas de pesquisa.

Essa parte final do estudo a respeito da diplomacia russa e norte-americana tem como objetivo resgatar os dois problemas de pesquisa que foram expostos durante a introdução do trabalho, assim como as hipóteses criadas com o objetivo de respondê-las. Será nessa etapa em que as hipóteses serão verificadas como úteis ou não.

O primeiro problema de pesquisa consiste em determinar se existem momentos de aproximação ou distanciamento no relacionamento entre os dois Estados depois da Guerra Fria, ou seja, nos anos 1990 e 2000. O segundo consiste em determinar os fatores determinantes para essa mudança de padrão, o que fez diferença para os diferentes tipos de relacionamento.

As hipóteses afirmam que a resposta para o primeiro problema é que sim, é possível observar momentos de aproximação e distanciamento entre as duas nações. Já a segunda hipótese afirma que três conceitos teóricos foram importantes para determinar a postura de aproximação e distanciamento, as mesmas que foram explicadas pelo Capítulo 1 e que aqui terão sua utilidade avaliada.

De acordo com o que foi estudado e mostrado no terceiro capítulo, o relacionamento entre americanos e russos, principalmente entre seus homens de Estado, não foi muito proveitoso. A Guerra do Golfo não pode ser considerada nem como momento de aproximação, nem como de distanciamento. A Rússia (na época ainda União Soviética) foi um mero coadjuvante quando disse que preferia não se envolver nesse conflito. Não houve envolvimento diplomático nesse caso.

Já no caso da OTAN aconteceu algo interessante. Quando o Estado russo era governado por Yeltsin, a expansão da Organização foi vista como uma ameaça à segurança nacional dos orientais. Mas quando Putin assumiu o poder em Moscou, as negociações com a OTAN se mostraram produtivas, permitindo tanto que a expansão continuasse, quanto a participação oficial de um líder russo nas discussões políticas pela primeira vez desde 1949, ano de sua criação.

É possível então observar que dentro de um mesmo momento podem existir períodos de aproximação e distanciamento. Foi exatamente isso que aconteceu no caso da OTAN, que teve um início conturbado com interpretações a respeito das intenções americanas serem ou não uma ameaça para os russos, mas depois da mudança dos líderes o relacionamento mudou, fazendo com que o período de negociações fosse o mais cooperativo durante todo o pós-Guerra Fria. Infelizmente, a cooperação teve um período ativo curto, durando até o final daquele ano.

A paz e cooperação que haviam sido conquistados por Putin e Bush no início de 2001 tiveram vida curta devido à iniciativa americana em relação ao escudo de mísseis e a Guerra do Iraque. Quando Bush retirou os EUA do Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (TMA) em dezembro de 2001, Putin resolveu se aproximar dos governos iraquiano e iraniano como uma

forma de demonstrar sua insatisfação com a decisão estadunidense. As tensões já estavam grandes nesse período e só pioraram com a invasão americana ao Iraque.

A Guerra do Iraque pode ser classificada inteiramente como um momento de distanciamento das relações diplomáticas entre EUA e Rússia. Antes mesmo do desencadear da guerra os dois líderes já estavam envolvidos a uma rede de provocações que só piorou durante as discussões no Conselho de Segurança da ONU. Esse distanciamento foi estimulado ainda pelos movimentos sociais anti-americanos que se tornavam cada vez mais populares conforme a continuidade da invasão. Esse foi um período que o distanciamento alcançou grandes patamares.

A crise do escudo de mísseis também pode ser classificada como um momento de distanciamento, principalmente depois que os russos perderam uma poderosa proteção: o TMA, que até então era aderido pelos EUA. Agora que o sistema do escudo está em andamento e que o TMA não tem mais a superpotência americana como membro, os Estados Unidos possuem tanto o poder das armas nucleares que podem causar grande devastação, quanto um sistema que os protege dessas mesmas armas. Do ponto de vista das relações internacionais, caso o ocidente entrasse em guerra com o oriente, a Rússia não teria a menor chance contra os americanos, pois ela não tem um sistema de defesa como o escudo de mísseis, e seus inimigos, imunes às suas armas, são cheios de ogivas nucleares.

Desses quatro momentos que foram estudados, dois são classificados como casos de distanciamento entre as duas nações, um foi considerado tanto distanciamento quanto aproximação (as duas posições foram observadas ao longo de suas negociações) e o último não foi classificado nem como distanciamento nem como aproximação, já que os dois Estados praticamente não se relacionaram.

Uma variável comum a todos os momentos (independente se são de cooperação ou não) é a ideia do líder. O papel do líder, seus julgamentos, cálculos de riscos, meios que usa para conquistar seus objetivos e suas redes de influências se mostraram fundamentais para as relações internacionais que nesta monografia foram estudadas. O homem de Estado possuiu função determinante para o comportamento dos Estados, confirmando que, por enquanto a segunda hipótese é útil, pois esse é um referencial muito importante na aproximação ou distanciamento entre os dois países.

A manutenção do equilíbrio de poder também foi uma variável importante, tanto durante a Guerra Fria, quanto nos momentos estudados no terceiro capítulo, principalmente nas negociações da OTAN e na crise do escudo de mísseis. O equilíbrio internacional foi abalado em períodos de conflito armado, mas na relação entre EUA e Rússia foi o responsável por evitar um conflito de grandes proporções, que poderia resultar até em uma Terceira Guerra Mundial. Por

mais que tenham ocorrido conflitos armados nos anos 1990, o equilíbrio de poder permaneceu estável, evitando uma guerra que envolveria todo o sistema. Isso afirma, então, a utilidade da hipótese de que esse equilíbrio seria o suficiente para controlar o comportamento dos Estados.

Imagem, o terceiro conceito teórico utilizado, possui grande importância para o comportamento do Estado porque o próprio líder depende dela para interpretar a realidade que está sua volta. É uma ideia que independe do período histórico, sempre o que alguém diz ou faz alguma coisa, o outro interpreta o fato e lhe dá significado, criando assim a identidade.

Em todos os momentos estudados e durante o período Guerra Fria, a interpretação dos atos de uma nação pela outra determinou sua identidade, e foi a essa identidade a qual os Estados respondiam quando se relacionavam das mais diferentes formas. A ideia de imagens, então, também comprova a utilidade da segunda hipótese.

Assim, imagens, líder e equilíbrio de poder foram determinantes para o comportamento dos Estados. Isso prova que a segunda hipótese é útil, já que todos os conceitos se mostraram úteis para a pesquisa.

Em suma, os estudos das relações diplomáticas entre Rússia e Estados Unidos no período pós-Guerra Fria afirmaram a utilidade da hipótese de que existiram momentos de aproximação e distanciamento entre as duas nações (por mais que a aproximação não tenha durado nem um ano, seus resultados foram históricos). Também comprovou que a segunda hipótese é útil, já que os conceitos teóricos ajudaram a determinar o relacionamento dos dois Estados entre 1990 e 2008.

REFERÊNCIAS

BAKER, Peter. Putin Proposes Broader Cooperation on Missile Defence. *WashingtonPost.com*. Kennebunkport, July 2, Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/07/02/AR2007070200131.html?sub=AR>. Acesso: 13 de junho de 2008.

DUROSSELE, Jean-Baptist. **Todo Império Parecerá**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2000, 484 p.

GADDIS, John L. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 308 p.

GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2005. 396p.

LAFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War 1945-2006**. 10ª edição. New York: Mcgraw-hill, 2006. 476p.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações: a Luta Pelo Poder e Pela Paz**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2003. 1093 p.

MURTA, Andrea. Escudo Antimísseis dos EUA na Europa pode vir a deter armas russas. *Folha Online*. São Paulo, 5 de maio de 2007, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u107057.shtml>. Acesso: 13 de junho de 2008

NOGUEIRA, João Pontes e MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança**. 2. ed. Porto Alegre: Uditoria da Ufrgs, 2005. 500 p.

VASQUEZ, John. The post-positivist debate. In: BOOTH, Ken & SMITH, Steve (Orgs.). **International Relations Theory Today**. Pennsylvania: The Penn State University, p. 217-240, 1995.

WENDT, Alexander. Anarchy is What States Make of it: The Social Construction of Power Politics. **International Organization**. Cambridge, v.46, n.2, p.391-425, 1992

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2003. Caps. 1, 2 e 3.